



Editora
Betânia

LOUVOR QUE LIBERTA

A atuação dinâmica do louvor na
liberação do poder de Deus para a
solução de nossos problemas.

Merlin Carothers

Louvor que Liberta

A atuação dinâmica do louvor na liberação do poder de Deus para a solução de nossos problemas.

Merlin Carothers

Editora Betânia
Título original: *Prison to Praise*

Digitalizado por Karmitta



www.semeadores.net

Nossos e-books são disponibilizados gratuitamente, com a única finalidade de oferecer leitura edificante a todos aqueles que não tem condições econômicas para comprar.

Se você é financeiramente privilegiado, então utilize nosso acervo apenas para avaliação, e, se gostar, abençoe autores, editoras e livrarias, adquirindo os livros.

Semeadores da Palavra e-books evangélicos

ÍNDICE

Introdução.....	4
1. Presol!.....	5
2. Liberto!.....	14
3. A procura.....	22
4. Enchei-vos!.....	27
5. Seu poder no homem interior.....	33
6. Vietnam.....	44
7. Regozijai-vos!.....	55
8. Louvai-O!.....	66

INTRODUÇÃO

Prison to Praise chegou a ocupar o primeiro lugar entre os best-sellers evangélicos nos Estados Unidos. Mas, falando do ponto de vista editorial, o livro não devia ter feito o sucesso que fez na edição em inglês. Houve pouca propaganda; o título, pouco impacto provocou; o autor era quase um desconhecido; e a capa, pouco atraente (pedimos desculpas aos editores mas esta é apenas uma opinião). Só houve uma coisa para recomendá-lo aos possíveis leitores — o conteúdo.

Parece que o fator decisivo foi o fato do livro ajudar as pessoas a resolverem problemas pessoais. Isso trouxe aquela propaganda gratuita que toda editora deseja. Cedo, um grande número de pessoas estava descobrindo o poder que Deus libera quando nós o louvamos em todas as circunstâncias.

O autor relata experiências incríveis de como Deus atuou em situações difíceis e até desagradáveis, quando as pessoas foram capazes de dar-lhe graças por elas.

Com grande satisfação apresentamos em português *Louvor que Liberta*. É o livro que recomendamos para todos que desejam obedecer à ordem bíblica: "em tudo dai graças".

Editora Betânia

* * *

"Regozijai-vos sempre.
Orai sem cessar.
Em tudo dai graças,
porque esta é a vontade de Deus
em Cristo Jesus para convosco."

(I Tessalonicenses 5.16-18.)

1. PRESO!

Senti o frio do metal das algemas no braço esquerdo e ouvi uma voz áspera: "Somos do FBI. Você está preso."

Eu estava sentado no banco de trás do carro, descansando, com o braço para fora da janela. O carro era roubado. Eu tinha desertado do exército. O fato de eu ser desertor não me inquietava muito, mas o de ser preso feriu meu orgulho. Sempre me considerara capaz de fazer tudo que quisesse, e escapar impune. Agora teria de sofrer a humilhação de ir para uma cela de prisão, de entrar na fila para receber a horrível ração de alimento da cadeia, de ter por cama o catre duro, e ficar ali sem nada para fazer, a não ser olhar as paredes e indagar de mim mesmo como pudera ser tão idiota para me meter numa enrascada daquelas.

Eu tinha levado uma vida bem independente desde os doze anos. Meu pai morrera nessa época, deixando minha mãe com três filhos para criar. Meus irmãos tinham sete e um ano. Mamãe começou a lavar roupa para fora, já que a pequena pensão que recebia não dava para nos manter. Ela sempre falava que papai estava no céu e que Deus tomaria conta de nós, mas apesar disso, com toda a energia dos doze anos, eu me rebelei contra esse Deus que nos tratava daquela forma.

Após as aulas, eu entregava jornais até bem tarde da noite; estava determinado a ter sucesso na vida. Queria tirar o máximo proveito de tudo e, de algum modo, percebi que acabaria conseguindo. Sentia-me no direito de agarrar tudo que pudesse.

Mamãe casou-se novamente e eu fui morar com uns amigos de meu pai. Terminei o primeiro ciclo da escola e comecei o segundo, mas não parei de trabalhar. Trabalhava todos os dias após as aulas e, durante as férias de verão, o dia todo. Trabalhei como acondicionador de alimentos, despachante, linotipista, e até como lenhador.

Comecei o curso superior, mas o dinheiro não deu, e tive que parar para trabalhar. Dessa vez consegui serviço numa usina de aço. Meu trabalho era aparar e esmerilhar aço. Não era muito agradável, mas ajudou-me a conservar a forma física. Estar em boas condições físicas significava estar capacitado para a corrida deste mundo a qual eu não queria perder por nada.

Não estava em meus planos entrar para o exército. O que eu realmente desejava era ir para o mar, era engajar-me na marinha mercante, o que, na minha opinião, era o melhor modo de entrar em ação na Segunda Grande Guerra.

Para ingressar na marinha teria que conseguir reclassificação junto às Forças Armadas passando à classe 1-A. Eu havia conseguido um adiamento do serviço militar, para cursar a faculdade. Antes, porém, que pudesse chegar à marinha, vi-me recrutado pelo exército. Disseram-me que poderia apresentar-me como voluntário para a Marinha de Guerra, e aceitei. Um estranho incidente, porém, acabou por me afastar dela: fui reprovado no exame de vista porque li a linha errada. Assim, apesar de todos os meus esforços em contrário, acabei sendo enviado para o campo de treinamento do exército, em Fort McClellan, no Alabama.

Senti-me entediado. O treinamento era enfadonho, e, querendo mais aventura, apresentei-me como voluntário para o curso de pára-quedismo, em Fort Benning, na Geórgia.

Tendo um gênio rebelde, enfrentei muitos problemas de adaptação, no relacionamento com os oficiais superiores. Assim sendo, logo fui notado por eles apesar de esforçar-me para passar despercebido. Certa vez, durante um período de exercícios físicos sobre uma camada de serragem, cuspi no chão sem pensar. O sargento viu-me e correu para mim com um olhar carrancudo. "Pegue aquilo com a boca e carregue daqui", gritou. "Deve estar brincando!" pensei. Mas pela expressão de seu rosto, vermelho e furioso, percebi que não estava. Assim, humilhado e revoltado, mas procurando esconder meu ressentimento, peguei a coisa e mais um tanto de serragem — e "carreguei dali"!

Porém, quando chegou a ocasião de saltar de um avião em vôo, senti-me compensado por tudo. Aquilo é que era vida. Era o tipo de aventura que eu estivera procurando. Sobrepondo-se ao ronco do motor do avião ouvimos a ordem: "Preparar!... Levantar!... Alinhar-se! SALTAR!"

A força do ar, a princípio, dá a impressão de que se é uma folha solta no meio de um redemoinho. Depois, quando a corda do paraquedas se estica completamente, sente-se um puxão de romper os ossos. A impressão é de ter sido atingido por um caminhão de dez toneladas.

Assim que retoma a consciência das coisas, a pessoa se acha num maravilhoso mundo silencioso; acima, como um toldo, está o gigantesco arco de seda do paraquedas. Foi assim que me tornei paraquedista, e conquistei a honra de usar aquelas brilhantes botas de salto.

Entretanto, eu queria ainda mais aventuras e apresentei-me como voluntário para o treinamento de técnico em demolição. Queria entrar em ação na guerra, e quanto mais perto da linha de fogo, melhor, pensava.

Após terminar esse treinamento, regressei a Fort Benning para esperar ordens de seguir para a frente de combate. Nesse meio tempo, montei guarda, servi na cozinha, e esperei mais um pouco. Paciência não era o meu forte. Pelo modo como as coisas iam, calculei que ia perder o bom da coisa, e ficar lavando panelas até o fim da guerra.

Eu não queria ficar ali à toa, só esperando; por isso, juntamente com um amigo, resolvi abandonar tudo.

Um dia, simplesmente saímos do alojamento, roubamos um carro e partimos. Para o caso de estarmos sendo procurados, abandonamos o carro e roubamos outro, e assim chegamos a Pittsburg, na Pensilvânia. Ali, nosso dinheiro acabou e resolvemos praticar um assalto.

Saí, levando uma arma e meu amigo ficou no carro. Tínhamos decidido assaltar uma loja que parecia fácil. Eu planejava rebentar os cabos telefônicos para que não pudessem chamar a polícia, mas embora empregasse toda a minha força, os cabos não cediam. Senti-me frustrado. O revólver estava no bolso, a caixa registradora estava ali cheia de dinheiro, mas a linha que os ligaria à polícia ainda estava intata. Eu não queria arranjar mais problemas.

Voltei ao carro e contei tudo ao colega. Estávamos assentados no banco de trás do carro, comendo maçã verde, quando o longo braço da lei nos alcançou. Não sabíamos então, mas um alarme a nosso respeito havia sido dado para seis estados e o FBI estava em nosso encaixe.

Nossa busca de aventuras tinha terminado em fracasso. Fui enviado à cadeia de Fort Benning, onde eu mesmo estivera de guarda pouco tempo antes. Fui sentenciado a seis meses de

detenção, mas imediatamente comecei uma campanha para ser enviado para o "front". Meus colegas de prisão diziam: "Se você queria ir para a guerra, não devia ter fugido."

Insisti em dizer que havia fugido porque ficara entediado de tanto esperar a ordem de ir para o exterior.

Finalmente meus pedidos foram atendidos; colocaram-me numa tropa que devia partir e, sob guarda, fui para Camp Kilmer, em Nova Jersey, onde me conservaram na cadeia, enquanto aguardava o navio que me levaria à Europa.

Afinal, já estava a caminho... ou quase. Um dia antes da partida do navio, fui chamado ao escritório do comandante, onde me informaram que eu não iria com o resto do grupo.

"O FBI quer que você seja enviado a Pittsburg."

Uma vez mais, senti o frio do aço das algemas, e, sob guarda armada, voltei a Pittsburg, onde um juiz de aspecto austero leu as acusações contra mim e depois perguntou: "Culpado ou inocente? O que você diz? "

Minha mãe se encontrava ali, e ao ver seus olhos cheios de lágrimas, senti uma ponta de remorso. Não que eu estivesse arrependido do que fizera, mas eu queria sair dali, e começar a "viver" o mais depressa possível.

"Culpado, senhor." Eu tinha sido preso em flagrante e prometi a mim mesmo que aquela seria a última vez. Eu iria aprender algumas artimanhas e agiria com cautela, dali por diante.

O promotor expôs cuidadosamente meus atos passados, e o juiz perguntou aos oficiais o que eles recomendavam.

"Recomendamos clemência, meritíssimo."

"O que você quer, soldado?" O juiz indagou.

"Quero voltar ao exército e ir para a guerra", foi tudo que pude dizer.

"Condeno-o a cinco anos de reclusão na Penitenciária Federal."

Aquelas palavras foram como uma paulada na cabeça. Eu tinha dezenove anos, e estaria com vinte e quatro, quando saísse

da cadeia. Vi minha vida como que se escoando, perdida.

"Sua sentença fica temporariamente suspensa, e você volta para o exército."

Salvo, graças! Em menos de uma hora estava solto, mas antes o promotor me passou um sermão e explicou que se eu deixasse o exército antes de cinco anos, teria que me apresentar em seu escritório.

Livre, enfim! Voltei a Fort Dix, onde recebi outra "paulada". Ah, examinaram meus documentos e me mandaram de volta à cela do quartel para cumprir minha pena de seis meses por deserção.

A esta altura eu queria ir para a guerra ou seria capaz de explodir. Só pensava numa coisa. Novamente comecei a batalhar para ser enviado para o exterior. Amolei tanto o comando, que finalmente, depois de cumprir quatro meses de minha pena, fui solto. Pouco depois, estava a caminho da Europa, atravessando o Atlântico a bordo do *Mauretania*.

No porão do navio, seis camadas de beliches se sobrepunham, e eu tive a sorte de pegar um beliche superior. Desse modo, não recebia o chuveiro de vômitos que os de baixo freqüentemente recebiam.

Não que eu me importasse muito com aquilo. Estava encantado por estar a caminho e não perdi tempo. Estava disposto a tirar o máximo da guerra, tanto em diversão quanto em lucro material. Tinha adquirido, durante o período de prisão, uma certa habilidade com baralho, e agora aquilo vinha bem a calhar. Durante a travessia, todas as horas do dia e da noite eram gastos nessa ocupação altamente rendosa. Consegui acumular uma boa quantia, e durante aqueles dias, a única coisa que me fez lembrar das circunstâncias em que nos achávamos, foi um breve encontro com um submarino inimigo que tentou nos torpedear, mas errou.

Ao chegar à Inglaterra, embarcamos em trens que nos conduziram até a costa do mar da Mancha. Ali tomamos botes e penetramos as águas revoltas do canal. Chovia muito, e ao nos aproximarmos do território francês tivemos que pular na água, que nos dava pela cintura, e vadear até à praia.

Uma vez em terra, fizemos uma fila — todos ensopados — para receber nossas rações de alimento. Dali corremos para outro

trem que nos levou em direção ao leste. Atravessamos a França sem paradas; depois passamos para caminhões que nos levaram à Bélgica. Chegamos ali bem a tempo de participar da batalha de Bulge, com a 82ª divisão de paraquedistas.

No primeiro dia de combate o oficial comandante viu meus documentos, notou minha classificação de especialista em demolição e mandou-me fazer pequenas bombas usando plásticos explosivos que estavam amontoados numa pilha de mais ou menos um metro de altura. Sentei-me numa tora e comecei a trabalhar. Outro soldado juntou-se a mim. Disse-me que já estava naquela unidade há muitos meses. Enquanto ele relatava suas experiências na 82ª divisão, olhei para o campo à nossa frente e vi balaios inimigos explodindo, e chegando cada vez mais perto do lugar onde nos achávamos. Com o canto do olho eu observava o outro soldado, indagando a mim mesmo quando ele daria sinal para procurarmos cobertura. Ele já tinha muita experiência e eu era apenas um substituto, ainda bem novo ali, e não queria demonstrar covardia...

As explosões chegavam mais e mais perto, e meu medo aumentou. Se um daqueles disparos acertasse perto de nós, o lugar onde estava a pilha de bombas certamente se transformaria numa gigantesca cratera.

O soldado permaneceu sentado não dando a mínima importância à artilharia. Eu queria desesperadamente procurar refúgio, mas não desejava mostrar sinais de medo. Por fim, as explosões estavam para além de nós. Não nos haviam acertado.

Dias depois descobri porque aquele soldado tinha ficado tão calmo. Estávamos caminhando por uma floresta que sabíamos estar muito minada. Eu estava examinando o caminho cuidadosamente procurando indícios de minas, mas o outro não prestava a menor atenção aonde pisava. Finalmente eu disse: "Por que você não está prestando atenção ao caminho?"

"Eu quero pisar numa mina", disse. "Estou farto dessa confusão toda. Quero morrer."

Daquele momento em diante procurei conservar-me o mais distante dele possível.

Já no fim da guerra fui com o 508º regimento para Francfort, na Alemanha, para servir na guarda do Gal. Dwight Eisenhower.

Gostaria de ter visto mais ação, mas participar dos espólios da guerra não foi nada mal. Morávamos em apartamentos luxuosos, que haviam pertencido aos altos oficiais alemães.

Ainda estava à cata de aventuras, e certa vez consegui quase mais do que queria. Tínhamos embarcado em aviões para um salto de paraquedas. Era um treino de rotina, mas tínhamos sido avisados que a atriz de cinema, Marlene Dietrich, estaria em terra apreciando o salto. Todos nós esperávamos cair perto de onde ela se encontraria. Logo que saltei do avião, comecei a olhar para baixo para ver se descobria "a moça das pernas bonitas". De repente percebi que havia algo errado. Ouvi gritos horríveis ao meu redor, e acima de minha cabeça, o ronco de um avião. Centenas de paraquedistas estavam no ar. O motor de um dos aviões havia parado e esse mergulhava para o solo, passando bem no meio de nós. Alguns paraquedas foram cortados e os homens se precipitavam para o chão. Caíam perto de onde se encontrava Marlene Dietrich. Meu paraquedas, porém, ficou intato e quando cheguei em terra vi muitos mortos ao redor, e o avião que explodia entre chamas.

Em Francfort tínhamos muitas horas de folga. No meu modo de ver, divertimento significava muita bebida. Às vezes eu bebia até ficar fora de mim e depois os outros soldados me contavam as coisas que tinha feito. Certa feita, num bonde, havia me deitado no piso e desafiara a todos a que ousassem passar sobre mim. Os soldados riram a valer e acharam o incidente divertidíssimo. Nunca me ocorreu que aquele comportamento prejudicava muito a boa imagem do exército americano de ocupação.

Descobri que o mercado negro era uma fonte de renda ainda melhor e mais segura que o jogo. Comprei maços de cigarro dos outros soldados, a 10 dólares. Enchi deles uma maleta e fui para a zona do mercado negro onde os vendi a cem dólares cada. Aquele lugar freqüentemente era palco de roubos, brigas e assassinatos mas eu não me importava. Conservava sempre uma das mãos dentro do bolso, num revólver calibre 45 carregado e engatilhado.

Em pouco tempo tinha grande quantidade de notas de 10 dólares no papel moeda especial usado pelos soldados. O problema era arranjar um modo de transferir aquele dinheiro para os Estados Unidos. Um controle rigoroso permitia a cada soldado enviar apenas a quantia referente ao seu salário. Durante várias

noites, fiquei acordado tentando descobrir um modo de ludibriar a fiscalização.

Na agência do correio, vi os homens entregarem seu salário mensal para ser transformado em ordem de pagamento. Cada soldado tinha que apresentar um cartão, no qual estava registrada a quantia exata por ele recebida. Depois, vi um homem que estava com um grande número deles. Era do escritório de uma companhia, e estava adquirindo as ordens para toda a companhia. De repente compreendi que tudo o que eu precisava era uma boa quantidade daqueles cartões.

Procurei o encarregado da unidade de finanças, falei-lhe e ele se dispôs a fornecer-me os cartões ao preço de cinco dólares cada. Fechei o negócio.

Tornei-me responsável por uma companhia — minha própria companhia. Com o dinheiro e os cartões, fui ao correio e consegui as ordens de pagamento sem encontrar o mínimo obstáculo.

Feito isto, descobri novos meios de ganhar papel moeda. Vim a saber que soldados vindos de Berlim davam 1000 dólares em papel moeda por cem dólares em ordem de pagamento. Alegrementemente, eu lhes fazia esse favor e depois só tinha que transformar os novecentos em ordem de pagamento. Estava a caminho de me tornar muito rico.

O exército decidiu mandar alguns soldados para universidades da Europa. Fiz o exame e fui classificado. Enviaram-me para a Universidade de Bristol, na Inglaterra. Os cursos que fiz eram muito menos importantes do que o fato de que estávamos rodeados de moças que falavam inglês. Logo fiquei conhecendo uma loura bonita chamada Sadie. Ela era muito alegre e extrovertida e eu me apaixonei por ela. Dentro de dois meses estávamos casados e passamos trinta dias juntos, felizes, antes que eu fosse mandado de volta à Alemanha. Sadie ficou na Inglaterra com outras jovens esposas de guerra, esperando o dia de vir para os Estados Unidos.

Cheguei ao meu país quase seis meses antes de minha esposa, e fiquei aguardando ansioso que ela viesse juntar-se a mim.

Recebi o esperado documento de baixa do exército. Livre, enfim! Não tinha o mínimo desejo de me ver dentro de um quartel

mais. Tinha muito dinheiro, e a vida pela frente parecia-me promissora.

Havia o problema de converter as ordens de pagamento, que lotavam minha maleta, em notas verdadeiras. Não poderia, absolutamente, ir ao correio de minha cidadezinha, na Pensilvânia, e derramar tudo no balcão. Finalmente, encontrei a solução. Comecei a enviar as ordens a uma agência do correio em Nova York. Pouco depois o dinheiro começou a chegar.

Meus atritos com a lei haviam-me ensinado que a melhor coisa a fazer era entrar numa profissão em que aprendesse a circundar, com segurança, todos os possíveis problemas. Eu sempre quisera ser advogado e assim comecei a dar os passos necessários para entrar na escola de direito de Pittsburg.

2. LIBERTO!

Minha avó era uma velhinha muito amável e eu gostava muito de meu avô, mas uma visita a eles era algo desagradável que eu procurava evitar tanto quanto possível. Vovó sempre achava um jeito de falar sobre Deus.

"Tudo está bem", eu dizia. "Não se preocupe comigo."

Mas ela insistia: "Você precisa entregar sua vida a Cristo, Merlin." Na verdade, esse assunto me incomodava mais do que eu queria admitir. Não desejava ofender vovó, mas não tinha tempo para perder com religião. Mal tinha começado a viver!

Num domingo à noite, pouco depois que regressei da Alemanha, fui visitar meus avós. Logo percebi que cometera um erro. Eles estavam-se preparando para ir à Igreja.

"Venha conosco, Merlin", disse vovó. "Há tanto tempo que não vemos você; gostaria que você viesse conosco."

Remexi na cadeira. Como poderia sair dessa sem ser indelicado?

"Gostaria de ir", disse afinal, mas uns amigos já me pediram para vir me apanhar aqui."

Vovó ficou meio desapontada, e logo que pulei fui ao telefone e comecei a telefonar a todo mundo que eu conhecia. Para minha decepção não achei ninguém que estivesse livre aquela noite e que pudesse ir me apanhar.

A hora do culto se aproximava e eu não podia simplesmente dizer aos meus avós: "Não quero ir."

Quando chegou a hora, não tive outro jeito. Fui com eles.

O culto era numa espécie de celeiro, mas todos pareciam estar muito alegres. Coitados, pensei, não conhecem nada da vida do mundo lá fora, ou então não desperdiçariam a noite aqui nesse celeiro.

Começaram a cantar e eu peguei um hinário para seguir a letra. Queria pelo menos dar a impressão de que me ajustava ao ambiente.

De repente, ouvi uma voz falando bem no meu ouvido.

"O quê? O que você disse?" Virei para trás mas não vi ninguém atrás de mim.

Outra vez aquela voz: "Hoje você tem que fazer sua decisão por mim; se não fizer, será muito tarde."

Balancei a cabeça e disse automaticamente: "Por quê?"

"Porque será."

Será que eu estava perdendo o juízo? Mas a voz era real. Era Deus falando e ele me conhecia. Como num clarão súbito, eu entendi. Por que não percebera isso antes? Deus existia; ele era a solução de tudo. Nele estava tudo que eu estivera procurando.

"Sim, Senhor." Ouvi-me murmurar. "Eu o farei; farei o que tu quiseres."

O culto prosseguia normalmente, mas eu me encontrava em outro mundo. Podia ser loucura, mas agora eu conhecia a Deus.

Ao meu lado, vovô estava imerso em seus pensamentos. Mais tarde ele me contou que também estava batalhando com Deus. Há muitos anos que ele tinha o vício de fumar e de mascar fumo. Há quarenta anos fazia aquilo e já estava bem viciado. Muitas vezes tentou deixar, mas tinha sido acometido de violentas dores de cabeça e pouco depois voltava ao vício, e começava a fumar e a mascar mais que nunca.

Naquele momento, estava sentado perto de mim tomando também uma decisão. "Senhor, se tu salvares o Merlin, eu desisto de fumar e mascar fumo, mesmo que isso me mate." Não era de admirar, pois, que vovô quase desmaiasse quando eu fui à frente para tornar pública a decisão que fizera durante o cântico do hino. Anos mais tarde eu estava junto ao seu leito de morte. Ele me olhou e sorriu. "Merlin", disse, "cumpri a minha promessa."

Naquele domingo à noite, eu quase não agüentava esperar chegar em casa para ler a Bíblia. Queria conhecer a Deus e li, avidamente, páginas e mais páginas das Escrituras. Senti uma intensa vibração interior. Aquilo era muito melhor do que saltar de paraquedas. Aquele dia, Deus alcançou as profundezas do meu ser e me transformou em uma nova criatura. Parecia que eu estava de pé no umbral de um recinto cheio de aventuras emocionantes das

quais eu não podia nem ter uma idéia. O Deus de Abraão, Isaque e Jacó estava vivo; o Deus que separou as águas do mar Vermelho e falou do meio da sarça ardente e mandou seu Filho para morrer numa cruz era meu Pai também.

De repente, compreendi algo que o meu pai terreno tinha tentado ensinar-me.

Ele caíra de cama pela primeira vez em sua vida, quando tinha trinta e seis anos. Três dias depois seu coração parou. O médico deu-lhe uma injeção e o coração voltou a bater. Meu pai abriu os olhos e disse: "Não vai ser necessário, doutor. Eu vou partir agora." Ergueu-se na cama e olhou ao redor com um brilho radiante no rosto.

"Olha!" disse. "Eles estão aqui para me levar.", Com isso ele deitou-se de novo e partiu.

Meu pai conhecia a Jesus Cristo como seu amigo e Salvador pessoal. Ele estivera preparado para ir. Agora, eu também estava preparado, mas logo que pensei nisso, comecei a sentir um terrível desconforto, algo que me incomodava, bem lá no fundo da mente.

"O que está errado? Mostra-me, Senhor."

Gradualmente, as coisas foram clareando. O dinheiro! Todo aquele dinheiro! Não era meu; tinha que devolver.

Tomada a decisão, suspirei de alívio. Quase não agüentava esperar para me desfazer do dinheiro. Era como se fosse uma doença dentro de mim, e eu sabia que aquele sentimento permaneceria enquanto o dinheiro estivesse comigo.

Procurei o correio, mas ali me disseram que o problema não era de sua alçada já que eu não tinha roubado as ordens de pagamento. Eu poderia fazer com elas o que quisesse.

Ainda me restava uma porção delas, as quais não havia revertido em dinheiro; assim, levei a maleta ao banheiro e joguei essas ordens de pagamento, de cem dólares cada, no vaso e dei a descarga. Cada vez que apertava o botão da descarga, sentia uma onda de alegria dentro de mim.

Havia ainda o dinheiro que já havia recebido em troca de algumas ordens. Escrevi ao Departamento do Tesouro e contei-lhes como havia adquirido o dinheiro. Em resposta, perguntaram se eu

tinha alguma evidência de como conseguira o dinheiro e as ordens de pagamento. Tarde demais! A evidência tinha sido destruída. Disse-lhes que não tinha prova alguma, só o dinheiro. Avisaram-me então que tudo que podiam fazer era aceitar o dinheiro e colocá-lo no Fundo de Consciência.

Eu estava pobre de novo, mas teria dado alegremente tudo que possuía em troca da nova vida e da alegria que sentia.

Restava mais uma sombra do passado para ser removida. Voltei a Pittsburg e apresentei-me ao promotor. Ainda restavam três anos de minha sentença e eu estaria em liberdade condicional durante esse tempo. Isto significava que eu tinha de me apresentar regularmente ao oficial de justiça e ficar sob sua supervisão.

O promotor me recebeu e pediu a um atendente para apanhar o meu processo, leu-o e ficou muito surpreso.

"Sabe o que você recebeu?" Eu sabia que havia recebido a Cristo mas aquilo ainda não devia constar do registro.

"Não, senhor."

"Você recebeu o indulto presidencial; está assinado pelo Presidente Truman."

"Indulto?"

"Significa que seu processo está encerrado. É como se você nunca tivesse sido processado."

Tive vontade de pular de alegria. "Por que recebi isto?"

O promotor sorriu. "É por causa dos excelentes serviços que prestou na guerra." Explicou que eu estava livre para ir onde quisesse e fazer o que bem entendesse.

"Se algum dia quiser se candidatar a um emprego público, pode perfeitamente."

"Obrigado, Senhor Jesus." Eu me senti deslumbrado. Não somente meus pecados estavam lavados e o processo encerrado no calvário, mas Deus tinha me dado também um novo começo perante o governo dos Estados Unidos. Não que eu quisesse um emprego público, absolutamente.

Mas o que iria fazer? Minha motivação para estudar direito fora um tanto suspeita. Parecia claro que Deus não me queria

naquela profissão. Em breve, um pensamento começou a martelar-me a mente com persistência. Devia ser pastor. Eu, num púlpito? ! A idéia parecia absurda.

"Tu me conheces, Senhor", argumentei. "Eu gosto de aventuras e até mesmo de perigo. Não seria um bom pregador."

Parecia que os planos de Deus para mim já estavam preparados. Eu não conseguia dormir, e quanto mais pensava e orava, mais empolgante a idéia me parecia. Se Deus pudesse transformar um ex-detento, ex-paraquedista, ex-jogador de baralho e ex-cambista de mercado negro em pregador, isso, sem dúvida, seria uma aventura para o desconhecido, bem mais emocionante do que qualquer outra que eu experimentara antes.

Fiquei ansioso para contar tudo a Sadie. Ela devia chegar a qualquer momento em Nova York, em um navio que traria da Europa todas as esposas de soldados. Eu não havia escrito a ela contando do meu encontro com Cristo — era uma coisa que eu preferia lhe dizer quando estivéssemos juntos novamente.

O navio já estava ancorado quando cheguei. Por todos os lados havia rapazes abraçando suas esposas, e com o coração aos pulos, procurei os cabelos louros de Sadie no meio da multidão. Ali estava ela. De repente tudo parecia diferente. Com Deus, o casamento significaria mais do que quando decidíamos nos unir. Eu me admiro do modo como a mão de Deus esteve sobre mim o tempo todo — mesmo na escolha de minha esposa, antes de eu saber o bastante para pedir sua orientação.

Foi bom tomar suas mãos nas minhas novamente; parecia que havia milhares de coisas para lhe dizer... no entanto, eu estava ansioso para lhe dar a melhor notícia — eu era um novo homem. Não era mais o rapaz descuidado, irrequieto e irresponsável com quem ela havia se casado.

"Sadie", eu observava seu rosto, "aconteceu uma coisa maravilhosa. Eu encontrei a Jesus Cristo. Ele me transformou. Agora, sou um homem novo Tudo vai ser diferente agora."

Ela me fitou com uma interrogação no olhar. "Eu me apaixonei por você do modo que você era, Merlin", disse vagarosamente. "Não quero que você mude."

Foi como se um muro invisível se erguesse entre nós. Meu

mundo ruína. No entanto, eu mesmo não estivera, há algum tempo atrás, nas mesmas condições em que ela estava agora?

"Jesus", orei silenciosamente, "opera no coração de minha esposa."

Os meses que se seguiram foram difíceis. Sadie não gostou da idéia de ser esposa de um ministro do evangelho. Disse muitas vezes que acabaria regressando à Inglaterra se eu não desistisse daquela estúpida preocupação com religião.

Não havia a mínima comunicação entre nós, mas eu levei avante os planos de continuar os estudos, e fiquei orando a Jesus Cristo, pedindo-lhe que entrasse na vida de Sadie no momento certo.

Matriculei-me na Universidade Marion, no estado de Indiana, que é uma escola denominacional. Eu devo ter sido o aluno mais entusiasmado da escola. Sadie acompanhou-me àquele lugar, tolerando corajosamente toda a minha exuberância.

Alguns meses mais tarde, durante as férias, fomos visitar minha mãe. Ela estava trabalhando na administração de uma casa de repouso para velhinhos, e uma amável senhora, viúva de um pastor metodista, simpatizou muito com Sadie.

Uma tarde, ao voltar para casa, encontrei Sadie na sala, em lágrimas.

"Merlin", disse ela fungando, mas alegre, "agora compreendo o que quer dizer ser crente. Quero que sejamos um em Cristo."

Juntos nos ajoelhamos ao lado do sofá.

"Obrigado, Jesus", rimos e choramos de alegria.

Terminadas as férias, retornamos a Marion, ambos ansiosos para completar o curso e servir a Deus em tempo integral.

Para suplementar meu salário de ex-combatente, trabalhava seis horas por dia em uma fundição. Eu queria concluir o curso o mais depressa possível, e consegui permissão para estudar vinte e uma horas por semana, ao invés das dezessete, que era o máximo permitido num semestre.

Eu trabalhava das duas da tarde às oito da noite; depois estudava até meia noite, dormia até às quatro, e depois estudava até às oito da manhã, quando então ia para a aula.

Minha primeira chance de pregar foi na cadeia local, aos domingos. Eu me agarrava às barras de ferro e implorava àqueles homens que dessem sua vida a Cristo. Todo domingo havia alguns que se ajoelhavam, e que segurando-se nas barras pelo lado de dentro entravam, chorando, no caminho da fé em Cristo. Eu voltava para casa andando nas nuvens.

Aos sábados, tínhamos a noite livre e combinamos reunir um grupo de estudantes para fazer culto ao ar-livre na escadaria do fórum, no centro de Marion. Para nossa alegria algumas pessoas vinham à frente, aceitando a Cristo. Depois da reunião, caminhávamos pelas ruas falando com qualquer um que parasse para nos ouvir, instando com eles que deixassem Cristo entrar em sua vida.

Nunca trabalhara tanto, contudo parecia que o trabalho que fazíamos para Jesus nunca era muito. Ele tinha salvado a minha vida; o mínimo que eu pedia fazer para ele era dar-lhe todo o meu tempo.

Completei em dois anos e meio o curso de quatro anos, e depois fui para o Seminário Asbury, em Wilmore, Kentucky. Deus nos deu quatro igrejas metodistas onde servimos quando eu era seminarista. Toda semana fazíamos um percurso de 350 km para trabalharmos naquelas igrejas. Recebíamos cinco dólares por semana, de cada uma, e também tínhamos refeições esplêndidas nos fins de semana.

Comprimindo todos os afazeres dentro de um horário apertado, consegui fazer, em dois anos, o curso de três anos do seminário. Finalmente atingimos o alvo. Agora eu era ministro do evangelho. Tinha-me esforçado tanto e por tanto tempo que agora não saberia parar. Mas estava feito. Para isso é que Deus me chamara. Fomos enviados a pastorear uma igreja metodista em Claypool, Indiana, nosso primeiro posto de tempo integral. Atirei-me ao trabalho com todo ardor que possuía, e gradualmente, as três igrejas da paróquia começaram a crescer. As ofertas aumentaram, a assistência cresceu e meu salário subiu. Jovens em número sempre crescente aceitavam a Cristo. O rebanho nos aceitou e amou, e tolerou os erros de seu jovem pastor.

Apesar de tudo, sentia crescer em mim uma certa inquietude. Havia um vazio, sentia falta de alguma coisa; era quase como um fastio. Pouco a pouco, senti meu pensamento atraído para a

capelania do exército. Eu conhecia bem o soldado, seus pensamentos e tentações. Será que Deus queria que eu fosse trabalhar entre militares? Orei: "Senhor, se tu queres que eu vá, irei; se tu queres que eu fique, ficarei."

A cada dia sentia essa atração pelo exército tornar-se mais forte.

Em 1953 apresentei-me como candidato a capelania do exército e fui aceito. Isso nunca poderia ter acontecido se eu não tivesse recebido o indulto presidencial. Naquela época, Deus já sabia de tudo.

Após um curso de três meses na escola de capelães, fui enviado para Fort Campbell, em Kentucky, para servir junto ao corpo de paraquedistas.

Na primeira oportunidade, subi a um avião e ouvi a velha ordem de comando: "Preparar... levantar... alinhar-se... SALTAR!"

Senti o impacto do vento e o baque quando o paraquedas se abriu. Ainda a mesma sensação de ter sido atingido por um caminhão de dez toneladas.

Eu estava de volta ao meu elemento.

3. A PROCURA

O trabalho de um capelão é empolgante e eu estivera à procura de aventuras empolgantes. Acompanhava os soldados a toda parte. No ar, em terra, escalando morros, em caminhadas, em preparação física, no quartel, em escritórios, no campo, no refeitório, onde estivesse, eu tinha muitas oportunidades de lhes transmitir a mensagem de Deus.

Cada minuto de exercício físico era um prazer. No treinamento de selva, que recebemos no Panamá, alimentávamos-nos de frutas silvestres. A umidade da selva, porém, logo cobrou seu tributo; alguns tiveram de ser carregados dali em padiola. Aprendi a sentir-me confortável numa poça de lama.

Em Fort Campbell tive oportunidade de me tornar piloto, coisa que sempre desejara fazer. Um amigo e eu compramos um velho avião que parecia estar de pé apenas a poder de goma de mascar e gominhas de borracha. Não tinha equipamento de rádio, e tínhamos que pilotá-lo quase que por instinto. Certa vez perdi-me e vi-me de repente escoltado por dois aviões do exército. Fizeram-me sinais para descer e vim a descobrir que estivera sobrevoando Fort Knox.*

O oficial de segurança, indignado, informou-me que eu tinha tido muita sorte de não ter sido derrubado a tiros.

Nosso avião chegou a um fim repentino, certo dia, quando meu colega teve de fazer uma aterrissagem forçada num milharal.

Quando ainda aquartelado em Fort Bragg, fui até à República Dominicana com a 82ª divisão. Tratava-se apenas de uma missão de policiamento, mas trinta e nove paraquedistas perderam a vida.

De volta a Fort Bragg continuei saltando e finalmente recebi o cobiçado título de mestre em paraquedismo.

Aparentemente tudo estava bem. Minha vida era cheia de aventuras e eu estava fazendo a obra do Senhor. Talvez isso fosse parte do problema. Eu estava fazendo a obra do Senhor. Não me

* Lugar onde se encontra guardado o ouro do tesouro dos Estados Unidos. N.T.

agradava admiti-lo, mas, muitas vezes, eu ficava tenso ao falar sobre o amor de Deus. Meu dever era fazer com que eles se convertessem, e eu me esforçava demais.

Estava constantemente cômico de que nunca conseguia atingir aquela perfeição desejada. Ela parecia estar sempre um pouco adiante, após a próxima curva da estrada.

Quando criança, eu ouvira minha mãe e minha avó conversarem acerca da necessidade de pureza e santidade de vida. Uma era metodista wesleyana e a outra metodista livre e ambas falavam sobre a obra do Espírito Santo na vida do crente.

O que quer que fosse, eu não o possuía. Li muita coisa a respeito da vida espiritual mais profunda e assisti conferências em acampamentos bíblicos, onde ouvia mensagens sobre o poder de Deus.

Eu sabia que não havia muito desse poder na minha vida, e o desejava ardentemente. Queria ser usado por Deus, e onde quer que eu ia, encontrava pessoas necessitadas de ajuda espiritual. Mas eu não tinha condições de ajudá-las.

Um amigo deu-me um livro acerca de certo culto oriental que dizia conhecer o método certo para se abrir a mente das pessoas ao poder de Deus. Ensinava que a pessoa devia deitar-se numa tábua, com os pés elevados e entregar-se à meditação silenciosa.

Comecei a ler tudo que encontrava sobre fenômenos psíquicos, hipnotismo e espiritismo, esperando descobrir o segredo de como deixar o Espírito de Deus operar em mim e através de mim.

Mais ou menos por essa época fui à Coréia e ali, ocorreu um pequeno acidente. Quebrei os óculos, e fragmentos de lente penetraram no meu olho direito. Perdi 60% da visão desse olho. A córnea ficou danificada e os médicos disseram que eu nunca recuperaria a visão total.

Onde estava o poder de Deus? Cristo tinha andado na terra e curara vários cegos. Ele disse que seus seguidores iriam realizar obras ainda maiores. Fui a Seul duas vezes para fazer operação no olho. O resultado era sempre negativo. Orei. Todo meu ser se rebelava contra a idéia de que um Deus salvador, um Criador onipotente, um Deus cujo nome eu pregava a homens que

enfrentavam a morte nos campos de batalha, era um Deus sem poder de curar. Mas onde estava o segredo? Como esse poder era liberado entre os homens? Eu tinha que descobrir.

Na terceira vez que fui a Seul para uma consulta médica, estava sentado no avião, quando de repente tive uma sensação interior muito nítida. Não era uma voz audível, mas algo foi-me claramente comunicado: "Seus olhos vão ser restaurados."

Compreendi que Deus havia falado. Ele tinha falado tão claramente como quando falara naquele domingo à noite, naquele celeiro, na Pensilvânia.

Em Seul, o médico balançou a cabeça e disse: "Sinto muito, capelão, não há nada que possamos fazer pelo seu olho." Em vez de sentir desânimo, senti-me vibrar. Deus falara comigo e eu confiava nele.

Alguns meses mais tarde senti enorme vontade de voltar ao médico. Ele ficou muito surpreso, quando terminou o exame.

"Não compreendo", disse. "Seu olho está perfeito."

Deus tinha operado. Eu estava maravilhado e mais determinado do que nunca a pesquisar todo e qualquer meio possível de conseguir contato com o seu poder.

Regressei aos Estados Unidos em 1963. Voltei a fazer alguns cursos de capelania durante seis meses e depois fui designado para servir em Fort Bragg, em 1964.

Ali, continuei a estudar hipnose com renovado vigor, e entrei em contato com o movimento "Spiritual Frontiers" (Fronteiras Espirituais) liderado por Arthur Ford.

Ouvira falar que muitos pastores haviam sido atraídos a esse movimento. Em casa de Arthur Ford vi, em primeira mão, evidências das operações de um mundo espiritual totalmente diverso do nosso mundo racional. Fiquei fascinado.

Mas... aquilo seria bíblico? Fui assaltado por dúvidas. Os espíritos realmente existem, mas a Bíblia fala de outros espíritos além do Espírito Santo de Deus e das forças espirituais do mal nas regiões celestes (Efésios 6). A Bíblia chama esses espíritos de inimigos, força de Satanás, e nos admoesta a provar todos os espíritos para termos a certeza de que não estamos sendo

manobrados pelo inimigo. Satanás consegue, habilmente, plagiar a obra do Espírito Santo.

Estava quase certo de que não estava me metendo por um caminho escuro. Esses espíritos, e também as pessoas que fiquei conhecendo no movimento, falavam bem de Cristo. Naturalmente, eles o reconheciam como Filho de Deus e como um grande líder espiritual que operou muitos milagres.

Nosso alvo, diziam, é tornar-nos semelhantes a Deus em tudo, já que nós também somos filhos dele.

Viajei muito para ir falar com pessoas que sabiam alguma coisa sobre o assunto. Li livros sobre hipnotismo, conversei com médicos e até escrevi à Biblioteca do Congresso. Senti que através desse recurso eu, um simples mortal, poderia ajudar muitas pessoas.

Não sabia que estava pisando terreno perigoso. Desapercebidamente eu começava a ver em Jesus Cristo uma pessoa igual a mim, alguém a quem eu poderia me equiparar, se para tanto me esforçasse.

Tinha subestimado em muito as forças do inimigo. Não o sabia naquela época, mas a hipnose é uma ciência potencialmente muito perigosa, pois deixa a pessoa totalmente exposta aos ataques das hostes de Satanás.

Outra coisa, eu estava caindo no erro de pensar que Satanás era mesmo aquele perverso sujeitinho de chifres, criado pela fantasia humana. Ele não faria nenhum mal a um homem esclarecido do século vinte.

O escritor C. S. Lewis disse que o melhor truque de Satanás é convencer o mundo de que ele não existe.

Minha fé tinha sido avariada e seriamente solapada, embora eu ainda não soubesse disso. A transição tinha sido muito sutil. Talvez eu tivesse saído dos limites da verdade quando descobri que estava me referindo a Jesus como mestre e operador de milagres, deixando de mencionar que ele morreu na cruz por nós, e que seu sangue nos purifica de todo o pecado.

Satanás já citava as Escrituras no tempo de Jesus e hoje ainda as cita. Ele não se importa que nós a citemos; gostaria, porém, que nos esquecêssemos da cruz, do sangue e do Cristo

ressuscitado.

Paulo fala do segredo da vida cristã em Colossenses 1.27. Este segredo é Cristo em nós. Não é o fato de nos tornarmos iguais a ele, mas o de que ele vive em nós e nos transforma, começando em nosso interior. Pessoas podem olhar para nós e dizer que somos semelhantes a Cristo, não porque nos tornamos mais dignos, mais santos ou mais espirituais. Ele vive em nós e isso é o segredo de tudo.

O perigo sutil do chamado "espiritualismo cristão" ou do movimento "Spiritual Frontiers" é que levam homens a tentar imitar a Cristo e apropriar-se de poderes espirituais para si mesmos, cometendo assim o pecado original de Satanás, o anjo caído, que quis ser igual a Deus.

Sem Cristo e sem a cruz não haveria o plano da salvação e nem os meios legais para o perdão de pecados. Na realidade, não haveria evangelho.

Eu estava caindo numa armadilha. Minha motivação era pura; sinceramente, eu queria ter poder para ajudar outros a resolver seus problemas e curar doenças do corpo e da mente. Foi preciso um ato divino para que meus olhos se abrissem e eu visse o erro em que estava.

4. ENCHEI-VOS!

Eu estivera freqüentando um pequeno grupo de oração que se reunia perto de Fort Bragg. Certa noite, Ruth, membro do grupo, foi visivelmente abençoada durante o período de oração. Eu já a havia observado em outras ocasiões e muitas vezes tive vontade de perguntar-lhe como tinha conseguido tamanha felicidade em sua vida. Diferentemente de nós, ela parecia estar sempre alegre; tinha uma alegria constante que eu experimentara poucas vezes.

Naquela noite Ruth disse-me: "Recebi tanta bênção que quase falei em língua em voz alta!"

"Você o quê?" Eu estava horrorizado.

"Falei em língua", disse Ruth alegremente.

Olhei ao redor para ver se alguém nos observava e diste em voz baixa: "Ruth, você teria arrasado o grupo. Que foi que deu em você?"

Ruth riu alegremente. "Eu tenho o dom de línguas desde que recebi o batismo com o Espírito Santo."

"O que é isto?" Nunca tinha ouvido aquela expressão.

Pacientemente, Ruth explicou que era a experiência que os discípulos tiveram no dia de Pentecoste. "Tive meu próprio Pentecoste", ela sorriu com alegria inconfundível.

"Pensei que você fosse batista." Eu estava abalado.

"E sou; mas Deus está operando em todas as denominações."

Eu tinha ouvido rumores de que uma onda de emocionalismo estava invadindo as igrejas, que alguns crentes estavam-se atirando a estas coisas e perdendo a fê. Tinha ouvido falar de alguns pentecostais que ficavam "bêbados no Espírito" ou o que quer que fosse, e realizavam orgias estranhas.

Compreendi que Ruth precisava com urgência de uma conversa séria. Coloquei a mão em seu braço.

"Cuidado, Ruth", disse gravemente. "Você está mexendo com coisas perigosas. Vou orar por você e se precisar de ajuda, pode me

chamar."

Ruth sorriu e deu-me um tapinha na mão. "Obrigada, Merlin. Obrigada pelo seu interesse."

Alguns dias mais tarde ela me telefonou: "Merlin, há um grupo chamado "Camp Farthest Out" que vai realizar um retiro em Morehead; gostaríamos que você fosse." Pelo jeito parecia algo de que eu devia manter distância. Diplomáticamente respondi que iria, se pudesse, o que significava que não poderia.

No decorrer da semana seguinte, várias outras pessoas telefonaram; um amigo negociante para lembrar-me que deveria levar tacos de golfe; uma senhora de Raleigh para dizer-me que minhas despesas seriam todas pagas se eu quisesse ir. Outro telefonou para dizer que, se eu quisesse, poderia levar outro pastor comigo, o qual tombem não pagaria nada. Assim já era demais. Como poderia resistir a tanto interesse pelo meu bem-estar espiritual? Agradei e disse que iria.

Entrei em contato com um amigo meu, um ministro presbiteriano, e convidei-o para ir. Ele tentou esquivar-se.

"É um passeio a um hotel de recreio com todas as despesas pagas", argumentei.

"Irei."

Já a caminho, Dick falou: "Merlin, por que estamos indo a esse lugar?"

"Não sei", respondi. "Mas é de graça; vamos aproveitar."

No saguão do hotel fomos recebidos com tanto entusiasmo por pessoas que nunca tínhamos visto que eu comecei a me indagar quem realmente eram esses estranhos seres no meio dos quais tínhamos vindo cair.

O culto era bem diferente do que eu estava acostumado. Os crentes cantavam com uma alegria descontraída, batiam palmas e até mesmo levantavam os braços quando cantavam.

Tanto Dick quanto eu sentíamos-nos desajustados, mas concordei que havia ali um certo gozo que nunca experimentáramos e o qual bem precisávamos conhecer.

Uma senhora de aparência fina dirigiu-se a nós várias vezes e perguntou: "Já aconteceu alguma coisa?"

"Não, senhora. O que quer dizer com isso?" respondíamos. "Vocês verão; vocês verão", dizia.

Ruth e as outras pessoas que nos haviam convidado a ir ali sugeriram que fôssemos falar com uma certa senhora que diziam possuir um poder incomum.

Apresentaram-nos a ela e de imediato não gostei. Ela mencionava as Escrituras de uma maneira que parecia querer converter-me. Não gostava quando pessoas citavam a Bíblia daquele modo para mim e principalmente não gostava que uma mulher o fizesse.

Nossos amigos, porém, insistiam que tivéssemos uma conversa com ela, e como eles tinham pago tudo para nós, senti que devia dar-lhes essa satisfação. Sentamo-nos a ouvir pacientemente, e ela nos contou o que Deus havia feito em sua vida e na vida de outros. Mencionou várias vezes o "batismo com o Espírito Santo" e mostrou-nos na Bíblia que essa experiência tinha sido comum entre os crentes do primeiro século.

"O Espírito Santo ainda realiza a mesma obra hoje", disse. "Jesus Cristo ainda batiza com o Espírito Santo aqueles que crêem nele, exatamente como o fez no dia de Pentecoste."

Senti uma ponta de vibração. Será que eu poderia experimentar o meu próprio pentecoste? Será que poderia ver as línguas de fogo, ouvir o vento impetuoso, e falar em outras línguas?

Ela terminou de falar e ficou olhando para nós.

"Eu gostaria de orar pelos senhores", disse suavemente, "para que recebam o batismo com o Espírito Santo."

Sem hesitação eu disse sim.

Ela colocou as mãos sobre minha cabeça e começou a orar. Eu esperava que algo me atingisse. Nada aconteceu. Não senti nada.

Ela colocou as mãos na cabeça de Dick. Quando acabou de orar olhei para ele e ele olhou para mim. Percebi que ele também não tinha sentido nada. O negócio era falso.

A senhora olhou para nós com um leve sorriso.

"Ainda não sentiram nada, já?"

Balançamos a cabeça em negativa. "Não, senhora."

"Vou orar pelos senhores numa língua estranha também."

Novamente ela impôs as mãos sobre minha cabeça. Não senti, não vi e nem ouvi nada. Quando acabou de orar, ela me perguntou se eu não ouvia ou sentia dentro de mim umas palavras que não compreendia. Pensei um pouco, e percebi que realmente havia em minha mente umas palavras que não significavam nada. Estava certo de que eram apenas produto de minha imaginação e disse-o a ela.

"Se o senhor as dissesse em voz alta, sentir-se-ia ridículo?"

"Certamente que sim."

"Estaria disposto a ser ridículo por amor a Cristo?" Esta pergunta colocava a questão sob um prisma inteiramente diferente. Naturalmente eu faria qualquer coisa por Cristo, mas falar em voz alta uma tolice tal poderia ser a destruição do meu futuro. Eu imaginava aquelas pessoas saindo dali e contando a todo mundo que o capelão metodista tinha recebido o dom de línguas. Podia até ser que eu tivesse de deixar o exército! Mas, e se isto fosse exatamente o que Deus queria que eu fizesse? De repente, até minha carreira pareceu de pouca importância.

Ainda hesitante, comecei a falar as palavras que estavam na minha mente e mesmo assim não senti nada de diferente. Eu cria que Jesus Cristo havia me dado uma nova língua como sinal de que havia me batizado com o Espírito Santo; entretanto, os discípulos, no dia de Pentecoste, haviam agido como bêbados. Certamente eles estavam tomados por um certo sentimento.

Olhei para Dick. Ele fazia o mesmo que eu. Falava palavras numa língua estranha e parecia crer na validade da experiência e, no entanto, não mostrava nenhuma reação emocional

"A experiência baseia-se na fé em um fato, não em sentimentos", disse aquela senhora, aparentemente lendo nossa mente.

Fiquei pensativo — não me **sentia** diferente; mas, **estava** diferente?

Levantei os olhos; subitamente compreendi uma coisa: "Eu **sei** que Jesus Cristo está vivo!" disse. "Eu não apenas creio; eu

SEI!"

Mas, naturalmente! O Espírito Santo dá testemunho de Jesus Cristo, diz a Bíblia. Agora eu sabia que aquilo era verdade. Aqui estava a fonte da grande autoridade dos discípulos após o Pentecoste. Eles não apenas se lembravam de um homem que tinha vivido, morrido e ressuscitado. Eles o conheciam no presente porque ele os tinha enchido com seu Espírito Santo, cujo propósito essencial é testemunhar de Jesus Cristo.

Como um raio, compreendi o horror de que eu havia sido culpado durante os últimos anos. Não somente eu, mas milhares de crentes, nos púlpitos e nos bancos, cometem o erro de diluir a mensagem da cruz, e tirar Cristo da posição central que deve ocupar.

Ao mesmo tempo que via a enormidade de meu pecado, vi também a Jesus Cristo em todo o seu esplendor, como meu redentor. Vi-o como bem no fundo do meu coração eu sabia que ele era. Todas as dúvidas inquietantes que tivera recentemente foram varridas por uma onda de alegre certeza. Aquilo era glorioso demais! Nunca mais duvidaria que Jesus Cristo era quem afirmara ser. Nunca mais iria cometer a insensatez de pensar que ele era apenas homem, um homem bom e um exemplo para nós seguirmos.

Que verdade maravilhosa! Jesus Cristo vivendo em nós, seu poder operando através de nós. Ele é a videira; sua vida é a nossa própria vida.

Sem ele nada somos; em nosso próprio poder não conseguimos realizar nada.

"Obrigado, Senhor Jesus." Levantei-me, e quando estava de pé, algo veio a mim. Fui subitamente cheio, até transbordar, de um sentimento de calor humano e amor para com todos que estavam naquele aposento.

Dick também deve tê-lo recebido no mesmo momento. Vi lágrimas se formando em seus olhos e sem dizer palavra, adiantamo-nos e abraçamo-nos fortemente, chorando e rindo ao mesmo tempo.

Olhei para a querida irmã com quem momentos antes tinha antipatizado e compreendi que a amava. Ela era minha irmã em

Cristo.

Descemos para almoçar e senti um amor transbordante por todos que eu via. Nunca sentira aquilo antes.

Naquela mesma noite, eu e Dick entramos numa das salas para orar. Algumas pessoas se uniram a nós e, em pouco, a sala estava cheia. Enquanto orávamos outros foram cheios do Espírito Santo. Por todo o hotel ressoaram gritos de alegria à medida que uns e outros experimentavam a plenitude da presença de Cristo.

Às duas da madrugada eu e Dick tentamos ir dormir. Não adiantava tentar, estávamos por demais alegres.

Eu disse: "Vamos levantar e orar mais." Oramos mais duas horas, suplicando a Deus por todos os nossos conhecidos e depois louvamo-lo por sua bondade para conosco.

5. SEU PODER NO HOMEM INTERIOR

Retornei a Fort Bragg ansioso para contar da bênção maravilhosa que tinha recebido. Eu já tinha pensado antes como uma experiência dessas afetaria meu ministério. Lembrava-me muito bem da minha própria reação diante de "emocionalismos pentecostais" na igreja.

Agora sabia que não me importaria com a reação dos outros; eu não poderia deixar de falar da experiência.

No primeiro dia, logo depois que cheguei, fui ao escritório do quartel. O primeiro sargento estava sentado à mesa. Era um homem grande e rude e seus modos grosseiros eram bem conhecidos de todos.

"Sargento", disse-lhe, "alguma vez já lhe falei que Jesus o ama?"

Para minha surpresa, lágrimas começaram a rolar pelo seu rosto.

Ele disse: "Não, capelão; o senhor nunca me falou nada disso."

Senti meu rosto arder de vergonha. Há mais de um ano eu o via todos os dias, várias vezes por dia, e nunca havia lhe falado nada sobre Jesus.

Saí para o corredor e encontrei o outro sargento:

"Sargento, já lhe falei que Jesus o ama, e eu também?"

"Não, o senhor nunca me disse isso." Mais uma vez senti vergonha. Ele continuou: "O senhor poderia me conceder um minuto? Preciso conversar com o senhor."

Fomos para o meu gabinete e ele apresentou uma série de problemas seus dos quais eu nunca tivera conhecimento. Quando terminou, perguntei-lhe se gostaria de aceitar Cristo como seu Salvador. Disse que sim e ajoelhou-se, com lágrimas escorrendo pelo rosto.

Onde quer que eu fosse, pessoas aceitavam a Cristo. Eu parecia ter um poder que operava através de mim. Quando

começava a falar com alguém, não tinha a mínima idéia do que ia dizer, mas o que dizia tinha um grande poder que levava homens a Cristo.

Era fácil servir a Deus desse modo. Toda a tensão se fora e eu podia rir novamente. A pregação não era mais algo por que tinha que batalhar laboriosamente. Tornou-se uma grande alegria para mim deixar que os pensamentos de Deus fluíssem através de minha vida.

Todo o pessoal do exército é obrigado a assistir aula de Moral e Cívica uma vez por mês. Os capelães, quando dão essa aula, não podem pregar. Um dia, cautelosamente, eu disse à classe que o Deus de nosso país ainda está vivo e atende às orações que lhe fazemos. Após a aula, um soldado veio até a mim e, chegando o rosto a um palmo de distância, disse com insolência: "O senhor crê mesmo nessas coisas, não crê?"

"Sim, creio", respondi.

"Crê que se pedisse uma coisa agora a Deus, ele atenderia?"

"Sim", disse. "Sei que ele atenderá."

"O senhor acha errado fumar?"

A pergunta foi meio inesperada. "Para alguns é errado, para outros pode não ser", respondi evasivamente.

"Eu comecei a fumar aos quatorze anos e agora fumo três maços por dia. Hoje o médico falou comigo que se não parar, eu morro."

"Então não há dúvida: para você é errado."

"Então peça ao seu Deus para me fazer parar."

Como poderia eu fazer uma oração dessas? As respostas habituais começaram a vir-me à mente: "Deus ajuda aos que se ajudam; peça a Deus que o ajude a querer parar", mas não fora isso que ele me pedira.

"Senhor", orei em silêncio, "mostra-me o que fazer."

Imediatamente senti uma forte impressão. "Ore em sua nova língua."

"Em voz alta?"

"Não, em silêncio."

Comecei a orar na língua que havia recebido no retiro; depois, fiz uma pausa.

Outra impressão me sobreveio: "Ponha a mão no ombro dele e ore." Obedientemente coloquei a mão no ombro dele. "O que devo pedir?"

"Ore silenciosamente em língua estranha." Assim fiz. Depois outra impressão: "Traduza para o inglês."

Sem hesitar, abri a boca e as palavras saíram: "Senhor, não o deixe fumar mais enquanto viver."

Que oração! Se o homem fumasse de novo, ficaria convencido de que Deus não ouvira a oração. Senti-me totalmente confuso; virei-me e saí.

Nos dias que se seguiram perguntei a Deus várias vezes se não havia compreendido mal. Será que meu engano não faria aquele homem descreer de tudo?

Várias vezes senti a resposta: "Confie em mim."

Confiar em Deus, aparentemente, significava andar numa corda bamba, sem nada em que segurar a não ser a fé. Com renovado afinco, mergulhei no estudo intensivo da Palavra de Deus. Se eu ia trabalhar na base da fé, tinha que ser fé na integridade e na natureza de Deus. Eu tinha de conhecê-lo e descobri que quanto mais eu lia, mais fortemente cria. A leitura da Bíblia nunca tinha me empolgado tanto. Nas suas páginas, obtive um novo conhecimento de Deus, o onipotente Deus que prometeu que, em Cristo, poderíamos fazer tudo. Não nos foi dito que o poder que há em nós é o mesmo que ressuscitou a Cristo de entre os mortos?

Em Efésios 3.20-21 Paulo diz: "Ora, àquele que é poderoso para fazer infinitamente mais do que tudo quanto pedimos ou pensamos, conforme o seu poder que opera em nós, a ele seja a glória, na igreja e em Cristo Jesus, por todas as gerações, para todo o sempre. Amém." Estudei, cuidadosamente, as instruções de Paulo à igreja de Corinto. Ali ele menciona os vários modos como o Espírito Santo opera através dos homens: em línguas, interpretação das línguas, cura, milagres, profecias, pregação, sabedoria, ciência, fé, discernimento.

Como poderia saber quais os dons que Deus queria manifestar através de mim? Teria ele me dado algum dom especial?

De novo me veio à mente o verso de Efésios: "... conforme o seu poder que opera em nós." Não, eu não tinha dom nenhum. Tudo que sabia era que deixaria Deus operar através de minha pessoa. Em outras palavras, meu papel era ser estritamente obediente às impressões e instâncias que sentisse no meu interior. O verso dizia que Deus pode fazer muito mais do que pedimos ou pensamos. Obviamente, não havia um modo de eu saber, antecipadamente, o que Deus queria realizar.

Uma noite, em nossa reunião de oração, falei sobre o poder de Deus para a cura. Uma senhora então disse: "Por que o senhor não ora pela cura de um de nós?"

Fiquei um pouco abalado. Eu sabia, naturalmente, que Deus pode e quer atender à oração de seus filhos, mas ouviria e atenderia a mim?

"Está bem", respondi num assomo de fé. "Quem deseja que eu ore por ele?"

"Eu quero", disse a mesma senhora. "Um dos meus olhos tem estado lacrimejando há vários meses. Nenhum medicamento resolveu o problema. Ore por mim."

Respirei fundo, coloquei as mãos sobre sua cabeça e orei, apelando para toda a fé que me era possível ter, para crer que Deus a estava curando naquele momento. Quando terminei, o olho ainda lacrimejava. Havia feito algo errado? De novo aquela impressão interior: "Confie em mim." Muito bem, ter fé significava crer em algo que não se vê. A Bíblia ensina isso claramente. Conseguir vitória em tudo era sempre uma questão de fé. Quando os israelitas se recusavam a crer, Deus não podia realizar nada. Há promessas de Deus em abundância para aqueles que crêem.

"Obrigado, Senhor", disse em voz alta, "por ter ouvido nossa oração!" Mais tarde, aquela irmã me telefonou: "Capelão, adivinhe o que aconteceu?" Havia vibração em sua voz.

"Diga."

"Eu estava aqui sentada lendo e, de repente, percebi que algo havia acontecido ao meu olho. Está completamente curado."

Eu estava encantado. "Obrigado, Senhor", disse. "Entendi o que queres. Eu confio; tu fazes o resto."

Um pastor da cidade, um presbiteriano que fora batizado com o Espírito Santo, tinha estado relutando em contar o acontecido à igreja. Ele convidou uma irmã do nosso grupo de oração para dar testemunho num culto de domingo à noite, e vários membros do grupo foram também para acompanhá-la em oração. Havia um profundo silêncio na congregação, enquanto aquela irmã narrava como, mesmo sendo batista, tinha sido batizada com o Espírito Santo. Era evidente que Deus estava falando ao povo. No fim da reunião, o pastor me chamou para dar a bênção apostólica. Levantei-me, mas, em vez de dar a bênção, comecei a dizer as primeiras palavras que me vieram à mente. "Quem quiser vir à frente entregar a vida a Deus, pode vir."

Silêncio! Nunca havia sido feito um apelo naquela igreja. Então, uma a uma, várias pessoas começaram a vir à frente, e a se ajoelhar.

Encaminhei-me para a primeira pessoa. Não sabia o que dizer em oração. Não sabia por que aquela pessoa tinha vindo à frente. Inclinei a cabeça orando silenciosamente. "Mostra-me o que dizer, Senhor." Ouvei: "Ore no Espírito." Em silêncio, orei em língua estranha.

"Agora, comece a traduzir o que você falou."

"Senhor, perdoa a este homem pelo vício da bebida, e pela desonestidade nos negócios." Eu estava chocado com minhas próprias palavras. E se eu tivesse compreendido mal? Eu poderia naquele momento estar trazendo graves problemas para o ministério daquele pastor. Voltei-me para a pessoa seguinte e fiz a mesma coisa.

"Senhor, perdoa este homem por seu temperamento violento, seu mau gênio, e pela maneira egoísta como trata seus familiares."

Ia de um para outro, e, com as mãos na cabeça das pessoas, fui levado a fazer orações de confissão e arrependimento.

Quando terminei compreendi que havia realmente caminhado numa faixa bem estreita, em inteira dependência de Deus.

Após o encerramento, as pessoas vieram a mim, uma a uma. Com lágrimas de alegria diziam: "Você orou exatamente o que eu

precisava; mas como soube de meu problema?"

Alguns dias mais tarde, aquele pastor me contou que a congregação estava totalmente mudada. Muitos dos homens que tinham vindo à frente eram presbíteros e oficiais da igreja. Agora, toda a congregação estava transbordando de entusiasmo, fervor e alegria.

Tive vontade de gritar. Eu não conhecia os problemas que afligiam os membros daquela igreja, mas Deus sabia. Ele conhece o coração e a mente de todos nós, e pode nos falar com um poder que vai diretamente de encontro às necessidades de cada indivíduo. Se a pessoa aceita, não é mérito nosso, mas de Deus; se rejeita, também não é nossa a culpa do fracasso.

Todos os dias, onde quer que eu fosse, acontecia o mesmo. Pessoas atendiam ao chamado de Jesus Cristo. Sempre que eu tentava voltar ao velho hábito de pensar antes o que iria dizer, a consequência imediata era que ficava tenso. O poder e a presença de Deus simplesmente não fluíam. O princípio de abandonar-me nas mãos de Deus e deixá-lo agir era válido. Tudo o que eu tinha a fazer era descansar nele, deixar a mente aberta e abrir a boca, numa atitude de fé, e falar o que Deus me comunicasse. As palavras sempre vinham ao encontro da necessidade de alguém e a pessoa sempre era poderosamente abençoada.

Eu estava maravilhado. Eu era pastor há vários anos. Tinha sempre me esforçado bastante e, no entanto, nunca tinha visto tanta coisa acontecer na vida de tantos crentes, em tão curto espaço de tempo, quanto depois que Cristo invadiu minha vida na plenitude do seu Espírito.

Sem a pesada carga que era planejar, organizar, pesquisar e escrever notas para os sermões, descobri que tinha mais tempo para a leitura da Bíblia e para a oração.

Parecia que, de repente, eu tinha mais energia que nunca, e não passei mais pela frustração de perder tempo em projetos que no fim resultariam em nada.

Enquanto eu descansasse em Cristo, Deus dirigiria minha vida, e aconteceu que cada coisa, cada compromisso, cada acontecimento começaram a se encaixar nos lugares certos, formando um todo harmonioso. Não mais havia confusões e conflitos com relação a compromissos e horários. Minha única

tristeza era não ter descoberto esta experiência de rendição completa a Deus muitos anos antes.

Mais ou menos por essa época, Oral Roberts veio a Fayetteville. Levantou-se uma enorme tenda, e todas as noites milhares de pessoas iam vê-lo e ouvi-lo pregar e orar pelos enfermos. Eu queria conhecê-lo pessoalmente e por isso procurei saber quem era o pastor local encarregado dos trabalhos. Fui a ele e ofereci meus préstimos.

Ele ficou espantado ao ver um capelão metodista querer se envolver com eles. Até então não conseguira a ajuda de mais ninguém a não ser dos ministros pentecostais.

Todas as noites, eu compareci fardado e fiquei na plataforma. Estava próximo a Oral Roberts quando ele orava pelos enfermos e vi mudanças físicas acontecerem à medida que pessoas eram curadas. Que alegria imensa!

Amigos meus, capelães, começaram a insinuar que se eu continuasse a aparecer em tais lugares, e estar ligado a homens como Oral Roberts, eu poderia desistir de progredir na capelania do exército. Provavelmente eles estavam certos, mas eu preferia antes obedecer a Deus e ver seu poder demonstrado claramente do que buscar a aprovação momentânea dos homens.

Na semana seguinte, eu estava olhando a lista de capelães que haviam sido promovidos a tenente-coronel. Eu era major há pouco tempo e não poderia ser considerado nem candidato à promoção, mas meu nome estava na lista. Mais tarde vim a saber que o exército pode promover cinco por cento dos oficiais, mesmo que estes não preencham todos os requisitos.

Tudo o que pude pensar foi: "Obrigado, Senhor, por teres me mostrado que eu posso confiar em ti para tomar conta de minhas necessidades."

Obediência a Deus significava, às vezes, ir contra o desejo expresso da pessoa que buscava a bênção.

Um jovem tenente trouxe sua esposa para que eu orasse por ela.

"Ela deseja receber o batismo com o Espírito Santo", disse ele. Senti algo de diferente. Recebi a revelação de que aquela jovem já tinha tido esta experiência. Ela não havia dito ama só palavra

desde que entrara no gabinete e no entanto eu sabia que ela havia recebido o batismo.

"Você já recebeu o batismo e não é preciso que eu ore por você", disse-lhe.

"Como é que o senhor sabe?" perguntou surpresa. "Quero tanto essa bênção e tenho me esforçado para crer desde que oraram por mim."

"Eu sei, porque o Espírito Santo me disse", respondi. "Ele disse também que antes de você se levantar receberá a evidência do dom de línguas."

Isso já é demais, pensei. E se nada acontecesse? A fé dela ficaria abalada. No entanto, interiormente, eu tinha certeza. Convidei-os a se ajoelharem comigo numa oração de agradecimento pelo que Deus já havia feito. Antes de terminar, ouvi-a falando em uma nova língua. Ficou tão alegre que, ao deixar a sala, parecia estar flutuando.

Certo dia, um jovem soldado veio ao meu gabinete. Lembrei-me que havia orado por ele antes para que Deus não o deixasse fumar mais. Seu rosto brilhava de felicidade.

"O senhor não vai acreditar o que aconteceu depois que o senhor saiu", falou.

Eu tinha visto tantos acontecimentos extraordinários nos últimos dias que acreditaria em qualquer coisa.

"Sim, vou acreditar", disse. "Conte."

"Quando o senhor voltou-se e saiu, eu ri e pensei: Vai ser fácil. É só eu fumar, e provo que Deus não ouve oração nenhuma. Entrei no banheiro e acendi um cigarro; dei uma longa tragada e imediatamente comecei a vomitar. Pensei que aquilo era coincidência; provavelmente, eu comera alguma coisa estragada. Mais tarde tentei fumar de novo. Aconteceu a mesma coisa. Nos dias seguintes toda vez que eu tentava fumar, vomitava. Mesmo agora, só de pensar em fumar tenho vontade de vomitar."

Eu estava exultante. Jesus Cristo havia prometido que o Espírito Santo estaria conosco para nos guiar a toda a verdade. Eu não tinha entendido mal suas instruções.

Alguns dias mais tarde aquele soldado voltou.

"Senhor, gostaria que orasse por mim outra vez."

"Certamente."

"Peça a Deus para perdoar meus pecados e me ajudar a aceitar a Cristo como Salvador."

Em questão de minutos nos ajoelhamos e ele alegremente aceitou a Cristo como seu Salvador.

Alguns meses mais tarde contei este incidente na Primeira Igreja Batista de Columbus, na Geórgia. Após o culto, um homem veio a mim e disse: "Eu também era daquela companhia quando aquilo aconteceu. O homem saiu pela companhia contando a todo mundo que o capelão tinha dado um jeito nele e ele não podia fumar mais."

Que verdade maravilhosa! Deus não salva somente. Ele estava realmente falando a sério quando disse que podemos nos remodelar e tornar conformes à sua imagem. Ele pode perfeitamente tirar de nós os velhos hábitos, mazelas e pensamentos impuros, renovando-nos interiormente.

Eu havia recebido o batismo com o Espírito Santo há apenas alguns meses e, no entanto, parecia-me que já tinha vivido toda uma vida nesta nova dimensão. Breve, eu iria ter um encontro com as forças inimigas. Subitamente fui acometido de uma enfermidade. Toda minha vida eu fora muito forte e gozara perfeita forma física. Mas agora toda vez que eu me exercitava um pouquinho que fosse, meu coração começava a bater mais depressa. Eu me sentia fraco, com dores no corpo todo.

Com relutância, concordei em ficar de cama uma semana. Minha condição não melhorou em nada. Fui ao hospital para ver o que o médico diria, e ali, imediatamente me colocaram numa padiola e me levaram para um dos quartos. Fiz exames e mais exames, e não se descobria a causa da doença. Sentia-me infeliz, fraco, tinha dores no corpo e parecia piorar em vez de melhorar. Daquele jeito eu preferia estar morto; minhas energias estavam-se esgotando e o mundo me parecia sombrio.

Uma noite, eu estava pensando se o fim não estaria próximo, quando, de repente, senti aquela forte impressão: "Ainda confia em mim?"

"Sim, Senhor", murmurei naquele quarto escuro.

Uma grande paz me envolveu e eu cai num sono profundo. Na manhã seguinte, senti-me muito melhor. Os médicos insistiam em que eu devia ficar de cama mais uns dias e eu fiquei satisfeito de ter mais algum tempo para orar, louvar a Deus e estudar a Palavra.

Certo dia, enquanto lia um livro, ouvi a voz dentro de mim: "Agora você quer viver como Jesus?"

Só pude responder: "Sim, Senhor."

"Mas, e seus pensamentos e desejos, são puros?"

"Não, Senhor."

"Quer que sejam?"

"Sim, Senhor. Toda a minha vida venho lutando contra pensamentos e desejos impuros."

"Quer me entregar seus pensamentos impuros?"

"Sim, Senhor."

"Para sempre?"

"Sim, Senhor; para sempre."

Subitamente, foi como se um peso tivesse sido levantado de sobre mim, como se um nevoeiro tivesse se afastado; tudo ficou limpo e puro. A porta do quarto se abriu e uma jovem enfermeira entrou. Era muito bonita e tudo que pensei foi: "Que linda filha de Deus!" Não havia em mim a mais leve sombra de tentação.

Voltando para casa, fui à reunião de oração do grupo e tive o forte desejo de pedir-lhes que orassem por mim. Sempre era eu quem orava pelos outros. Dessa vez sentei-me numa cadeira no meio do grupo e eles se prepararam para orar por mim.

"O que vamos pedir ao Senhor?"

Pensei um pouco. "Peçam a Deus que me use mais que nunca." Começaram a orar e, de repente vi, no espírito, Jesus ajoelhado à minha frente. Ele segurava-me os pés e descansava a cabeça em meus joelhos. Ele disse: "Você se deu a mim, agora eu também me dou a você."

Foi como se uma porta tivesse se aberto para uma nova compreensão de Jesus. Ele quer dar-se a si mesmo por nós, a cada

momento de nossa vida, tão completamente como se deu na cruz. Pouco ou nada temos para dar a ele; estamos sempre recebendo dele.

6. VIETNAM

Em 1966 recebi ordens de partir para o Vietnam com o 80º grupo então aquartelado em Fort Bragg.

Tomamos o navio em San Francisco e quando deixamos a baía, entrando em mar alto, de pé na amurada, senti a paz de Deus ao meu redor e dentro de mim. Eu sabia que era esta a sua vontade para minha vida.

Logo comecei um grupo de oração e estudo bíblico, e cultos regulares a bordo. Passamos vinte e um dias no mar e todos os dias havia soldados que aceitavam a Cristo.

Muitas vezes o diabo murmurava ao meu ouvido que eles o faziam apenas porque estavam indo para o Vietnam, e que aquelas decisões não eram sinceras.

Meses mais tarde recebi uma prova de como o diabo é mentiroso. Muitos dos rapazes que tinham feito uma decisão por Cristo eram de uma unidade que se separou de nós assim que chegamos. Tempos depois, tive ocasião de visitar essa unidade e um dos sargentos me viu. Ele quase arrebentou de alegria.

"Glória a Deus, Capelão Carothers."

A seguir, contou-me todas as coisas que Deus tinha feito. Juntos fomos ver outros da unidade que haviam aceitado Cristo a bordo do navio, e esses me contaram acerca dos estudos bíblicos que realizavam e dos soldados que estavam levando a Cristo.

"Lembra-se do Tenente Stover?" perguntaram.

"Sim, lembro." Lembrava-me daquela tarde quando, de pé no convés, ele me contara que estivera fugindo de Deus na época em que estava na faculdade. Naquele momento entregou sua vida a Cristo e disse-me que, logo que desse baixa, ia atender o chamado de Deus para o ministério.

"Ele organizou um coro, por sinal muito bom, e os soldados gostam muito de cantar."

Levaram-me até ele e ficamos muito alegres de nos rever.

Logo que cheguei a Camp Rahn Bay, organizei um grupo de

oração aos sábados à noite. Dentro em pouco havia vinte e cinco soldados freqüentando as reuniões. Comecei a desafiá-los a crer que Deus atende as orações se tão somente confiarmos nele.

Eu sempre dava oportunidade aos soldados de apresentarem pedidos especiais de oração. Afinal, um dia, um oficial falou:

"Bem, eu gostaria que o senhor orasse por minha esposa. Estamos casados há seis anos e ela se opõe tanto às coisas espirituais que não gosta nem que demos graças às refeições. Acho que não vai adiantar muito orar por ela, mas gostaria que o senhor tentasse."

Achei aquele pedido um tanto incomum para começar, mas eu estava aprendendo que Deus sabe o que faz. Pedi aos homens que se dessem as mãos formando um círculo e começamos a orar pedindo nosso primeiro milagre. Nenhum deles havia tentado pedir um milagre, mas queriam experimentar. Eu tinha contado a eles as bênçãos maravilhosas que Deus operara em minha vida depois que recebera o batismo com o Espírito Santo.

Ali, nos campos de batalha do Vietnam, longe de tudo que pudesse impedi-los de concentrar-se nas coisas de Deus, estavam prontos a apropriar-se das realidades espirituais profundas.

Duas semanas mais tarde aquele oficial apareceu na reunião, com uma carta na mão. Leu-a para nós e, enquanto o fazia, lágrimas começaram a rolar pelo seu rosto:

"Querido,

"Provavelmente, você vai custar a crer no que está acontecendo por aqui. Na semana passada eu estava na cozinha, de pé junto à pia, sábado de manhã. Começou a acontecer uma coisa estranha. Era como se eu estivesse vendo, na mente, uma placa branca. Nela, escrita em letras pretas, havia a palavra AVIVAMENTO. Não consegui tirar aquilo do pensamento. Tentei pensar em outras coisas mas o quadro permaneceu na minha mente a manhã toda. Quando deu meio dia eu já estava amolada. Telefonei para sua irmã e perguntei-lhe se havia visto uma placa com a palavra avivamento, em algum lugar. Pensei que talvez eu tivesse visto uma. Respondeu que não havia nenhuma placa, mas que na

igreja dela estavam tendo reuniões de avivamento. "Você gostaria de ir?" perguntou.

"Você sabe que nunca vou a essas reuniões!" respondi. Mas o quadro continuou em minha mente e à noite a impressão era tão forte que telefonei à sua irmã e perguntei-lhe se poderia ir com ela. Ali no culto foi feito um apelo e fui à frente. Esperei uma semana antes de contar a você porque queria ter certeza de que estava realmente me entregando a Cristo. Mas, querido, é verdade! Batizei-me hoje e estou tão alegre! Estou ansiosa para você voltar, para gozarmos da bênção de um lar realmente cristão."

"Capelão", disse o oficial, "sabe que horas eram aqui, quando era sábado de manhã lá?"

Balancei a cabeça em negativa.

"Sábado à noite, quando orávamos por ela. Foi então que ela começou a ver aquele quadro. E o senhor lembra de domingo de manhã?"

"Sim, lembro." No culto de domingo de manhã ele tinha ido à frente, ao apelo. Eu lhe dissera que pensava ser ele crente, ao que respondera: "Sim, sou; mas quando estava sentado comecei a sentir que, se viesse à frente, poderia de algum modo ajudar minha esposa."

Agora ele olhava para mim com lágrimas nos olhos. "Capelão, sabe que horas eram lá?" Percebi então. Era sábado à noite, a hora em que sua esposa tinha aceitado a Cristo. Algo como que uma corrente elétrica passou pelo grupo. Os soldados estavam aprendendo por si mesmos que Deus atende a oração de seus filhos.

Perto do oficial estava um sargento de cor. Notei que estava seriamente perturbado. "O que há?" perguntei.

"Senhor, minha esposa é como a dele. Não quer saber de religião. Estou pensando que se eu tivesse tido um pouco de fé, há duas semanas atrás, poderíamos ter orado por minha esposa e talvez a mesma coisa tivesse acontecido a ela." Que coincidência! Ali tão longe, no Vietnã, dois soldados estavam com o mesmo

problema. "Vamos orar por sua esposa agora", disse entusiasticamente.

"Senhor, acho que minha oportunidade passou. Não tenho fé para orar agora."

"Não é preciso depender só da sua fé", disse. "Cria em nossa oração e nós teremos fé em seu lugar."

Demo-nos as mãos e começamos a orar. Havia um renovado fervor entre os homens. Eles tinham começado a ver por si mesmos que Deus ouve e atende a oração.

Na manhã seguinte, eu estava no gabinete quando o sargento entrou correndo com uma carta na mão, e um sorriso alegre.

"Não me diga que já recebeu a resposta", disse brincando.

"Recebi." Ele estava exultante, e, de repente, veio a mim o verso: "Antes que clamem responderei." Seria isso?

"O que diz a carta?"

Era quase uma cópia da outra que tínhamos ouvido na noite anterior. A esposa do sargento tinha sido salva, batizada, e estava ensinando uma classe de escola dominical.

"Ó Deus", murmurei, "eu te amo, eu te amo, eu te amo!"

Um sábado à noite outro oficial veio à nossa reunião. Ele não gostava muito da nossa maneira de orar.

"Capelão, se Deus responde a oração, por que ele não faz algo realmente importante?"

"O que você considera importante?" perguntei.

"Meu filho tem um problema no pé desde que nasceu. A primeira vez que ficou de pé, olhou para os pezinhos e começou a chorar. Já o levamos a todos os médicos e especialistas das redondezas. Mandamos fazer sapatos e aparelhos especiais, engessamos, fizemos tudo e nada resolveu. Ele tem sete anos e todas as noites minha esposa tem que colocar um travesseiro sob seus pés e massageá-los para ele poder dormir. Por que Deus não faz alguma coisa por ele?"

Em pensamento, pedi a Deus para me ensinar o que devia pedir em oração, depois disse: "Nós vamos orar, e Deus vai curá-lo!" Eu senti plena certeza. "Você não crê, mas nós cremos. Entre

no círculo. Vamos orar."

Todos oraram com grande desejo de ver Deus operar. Aqui estava um terceiro pedido de oração em favor de alguém que estava na pátria. Eu sabia que Deus o havia enviado.

Duas semanas depois chegou outra carta:

"Querido,

"Esperei uma semana para contar a você algo que é bom demais para ser verdade. Na semana passada, notei que, pela primeira vez na vida, Paul não se queixou dos pés uma só vez. Ele dormiu sem o travesseiro sob os pés. Eu queria escrever logo mas fiquei com receio de lhe dar falsas esperanças. Já passou uma semana e ele ainda não se queixou do pé."

"Capelão, é difícil de acreditar!" disse o oficial lutando contra as lágrimas. "Os pés do meu filho pararam de doer no dia que oramos por ele."

Nos meses seguintes, toda vez que eu via aquele oficial, ele levantava os braços e dizia: "O pé dele não doeu mais."

Daí por diante, a fé dos homens começou a crescer. Mais e mais orações eram respondidas. Outros homens se juntaram a nós para conhecer as coisas que estavam acontecendo. Comecei a ler as cartas de testemunhos de orações respondidas, do púlpito, nos domingos pela manhã, e muitas vezes pessoas que passavam por mim acenavam a mão e gritavam: "Mais algum milagre, capelão?"

Várias vezes tive ocasião de responder: "O maior dos milagres: outro homem aceitou a Cristo e recebeu vida eterna." Ao mover-se entre nós o Espírito de Deus, muitos soldados foram atraídos a Cristo.

Certo domingo, fiz um apelo para aceitação de Cristo e vários soldados vieram à frente. Após o culto fui para meu gabinete para passar alguns minutos a sós com Deus. Quando me preparava para sair dali, um sargento entrou apressadamente e ajoelhou-se no meio da sala.

"Por favor, ore por mim", clamou muito angustiado.

Passou então a confessar pecados de imoralidade, vício de bebida e drogas, negligência para com a esposa e filhos. Um após outro ele os derramava em lágrimas de arrependimento. Quando terminou, expliquei-lhe que Deus o amava e enviara Jesus Cristo para morrer na cruz por causa de todos os pecados que ele havia confessado. "Tudo que tem a fazer agora é aceitar a Cristo como Salvador e Senhor, e Deus lhe dará vida eterna e perdão completo", disse-lhe.

"Eu aceito, eu aceito", respondeu chorando, e então um sorriso de paz e alegria inundou o seu rosto, e ele começou a agradecer e a glorificar a Deus.

Mais tarde ele me contou como viera parar ali no escritório. Naquela manhã, ele tinha passado pela capela quando ia em direção ao posto comercial do exército. De repente, sentiu um desejo muito grande de entrar.

"Que coisa estranha", pensou; "há seis anos que não entro numa igreja; não tenho motivo algum para entrar agora." Continuou seu caminho até o posto, mas algo parecia atraí-lo de volta ali. Afinal ele resolveu voltar à capela onde o culto já tinha começado. Assistiu o culto todo e quando a congregação se levantou para cantar o hino final ele percebeu que estava tremendo incontrolavelmente e só agüentou ficar de pé segurando-se no banco da frente.

Estava receoso de cair e sentiu um forte desejo de ir à frente e entregar a vida a Deus.

"Não posso", disse a si mesmo; virou-se e saiu da capela. Já na rua suas pernas pareciam querer dobrar-se e ele compreendeu que não ia agüentar muito. Uma voz interior lhe dizia que aquele era o momento da decisão. Ele tinha de obedecer a Deus ou ele o deixaria morrer. Sem esperar mais, voltou-se e correu de volta à capela e entrou correndo em meu gabinete.

Um dos capelães era batista. Éramos bons amigos e ele amava o Senhor Jesus, mas estava muito temeroso da ênfase que dávamos ao Espírito Santo. Essas idéias de cura pela fé, expulsão de demônios, ser cheio do Espírito e a manifestação dos dons espirituais eram completamente estranhas para ele.

Uma vez, foi a uma de nossas reuniões; depois pediu desculpas, mas disse que não podia continuar assistindo. O que o

perturbou mais foi o fato de uma pessoa receber a imposição das mãos enquanto outros oravam para que Deus resolvesse seus problemas. Nunca tinha visto aquilo antes e parecia-lhe um ritual pagão.

Pelas pessoas que continuaram a assistir às reuniões, ele ficava sabendo das coisas que aconteciam. Alguns que estavam desanimados, derrotados e a ponto de desistir de tudo vinham pedir que orássemos por eles. Contavam-lhe depois que tinham sido totalmente libertos de seus fardos. Tinham-se assentado ali e deixado que os outros orassem por eles, com imposição de mãos, após o que se sentiam cheios de uma paz e uma alegria intermináveis. Testemunhavam que Cristo tinha-se tornado mais e mais real para eles a partir daquele momento.

Pouco a pouco, aqueles testemunhos começaram a afetar esse capelão. Ele passou a compreender que Deus opera de muitos modos e maneiras que eram diferentes dos que ele próprio vira e experimentara. Foi aí que aconteceu algo inesperado.

O capelão de outra unidade morreu e meu amigo foi chamado para substituí-lo. Naturalmente, ele se sentiu um pouco apreensivo e veio ao meu escritório para despedir-se. Hesitantemente, ele confessou que o ministério de oração do grupo passara a ter muito valor para ele. Depois, ajoelhou-se chorando. Tomou minhas mãos e colocou-as sobre sua cabeça.

"Merlin, por favor, ore por mim do modo que vocês oram."

Calmamente comecei a orar por ele em língua estranha e enquanto eu orava, ele foi ficando cheio de grande alegria e paz. Rindo através das lágrimas, ele me disse que seus temores haviam-se dissipado. Ele estava pronto para entrar na linha de combate.

Algumas semanas mais tarde, telefonou-me para contar que quase tinha morrido num acidente de helicóptero logo no primeiro dia que chegara à sua unidade.

"Mesmo naqueles momentos senti o transbordar do amor e da confiança em Jesus Cristo."

Minha unidade deslocou-se para o norte, para Chu Lai, onde nos reunimos a outra divisão. Estávamos agora no grosso da batalha, junto com os fuzileiros.

Várias vezes vi evidências da mão de Deus protegendo seus filhos. Quando confiamos nele, nenhuma força da terra pode tocar-nos se não for da sua vontade.

Em várias ocasiões, com tudo marcado para eu comparecer a certos lugares, sentia, no último instante, um grande impulso de mudar os planos. Mais tarde viria a saber que todas as vezes que obedecera a um desses impulsos, tinha sido poupado de um acidente no qual poderia ter perdido a vida.

Certa vez eu teria que dirigir uma reunião para alguns homens que estavam descarregando bombas de cerca de 230 quilos numa praia. No último minuto tive uma forte impressão de que devia cancelar a reunião. Na hora exata que era para termos nos reunido naquele lugar, houve uma explosão e algumas bombas dispararam. Se tivéssemos nos reunido lá, muitos homens teriam morrido.

Um velho amigo meu, Burton Hatch, era capelão de uma das divisões. Ele me convidou para dirigir um culto domingo à noite, ao fim do qual vários soldados vieram à frente aceitando a Cristo. Orei com cada um.

Na manhã seguinte, um deles voltou à capela. Estava todo sujo e sua roupa estava ensopada; seu cabelo molhado caía pela testa. Mas seu rosto brilhava e ele dizia: "Glória ao Senhor! Obrigado, Jesus!"

Bem cedo, na madrugada daquele dia, ele e mais cinco haviam subido a bordo de um helicóptero, equipados com granadas de mão, cartucheiras e pesados coletes protetores, preparados para combate. Partiram para o norte, sobrevoando o mar da China. O piloto estava voando muito perto da água e num dado momento uma onda alta atingiu o aparelho. Com um forte safanão, o helicóptero virou e mergulhou no mar. Os homens foram atirados em várias direções.

Esse jovem soldado percebeu que estava afundando depressa. Nadou para a superfície e conseguiu tomar fôlego antes de afundar novamente, levado pelo peso do equipamento. Tentou desesperadamente libertar-se mas não conseguiu. Quando começou a mergulhar de novo, contou-me, lembrou-se que tinha aceitado a Cristo na noite anterior. Estava pronto para morrer e sentiu grande paz na mente e no coração. Realmente não fazia

diferença libertar-se ou não daquele equipamento pesado. Uma vez mais voltou à superfície e novamente afundou. Da terceira vez percebeu que suas forças estavam esgotadas e muito breve estaria com o Senhor. Naquele instante, o equipamento escorregou, soltando-se dele. Voltou à superfície e estava livre. Nadou até à praia onde descobriu que era o único sobrevivente.

Depois de passar vários meses em Chu Lai, fui transferido para Quin Yhan onde serviria no hospital de evacuação. Para ali eram trazidos os homens que haviam sido feridos há pouco. Várias vezes tive ocasião de presenciar o poder de Deus em operação. Aqueles homens estavam bem predispostos para aceitar a Cristo. Muitos narravam como tinham sido salvos por um poder que estava além da sua compreensão.

"O que era?" eu indagava.

"Não sei explicar", diziam. "De repente, no momento em que via que ia morrer, sentia um grande poder ao meu redor. Então percebia que estava salvo. Sabia que aquilo era o poder de Deus e que ele não queria que eu morresse."

Muitas vezes perguntavam por que Deus tinha resolvido salvá-los. Respondia que ele devia ter algum propósito especial para suas vidas, o qual lhes revelaria se dessem ouvidos à sua voz.

Eu ia de cama em cama conversando com os rapazes e muitas vezes fui dominado pela emoção. Estavam feridos, sofrendo hemorragias e, em alguns casos, à morte, mas nunca vi nenhum deles queixar-se. Estavam confiantes de que o serviço que tinham prestado era muito importante e que haviam sido salvos da morte por algum motivo especial. Vi enfermeiras afastarem-se chorando ao verem a força e a coragem demonstradas por esses soldados. Não importava quão aguda fosse a dor, eles sorriam e diziam: "Estou bem."

Certa noite uma enfermeira chamou-me ao hospital para falar com um major do exército. Quando ele me viu, começou a chorar. Seu corpo estava cheio de ataduras e eu fiquei ali uns dez minutos esperando que ele conseguisse conter o choro. Tentei imaginar qual seria seu problema. Será que lhe haviam dito que suas pernas tinham que ser amputadas? Estavam cheias de ataduras e pareciam estar em péssimas condições. Talvez ele tivesse recebido a notícia de que alguém de sua família estava seriamente enfermo.

Afinal o major conseguiu controlar-se e contou-me uma história surpreendente.

Algumas horas antes ele estivera a bordo de um helicóptero, o qual fora atingido por artilharia anti-aérea e caíra na floresta. Os seis homens haviam sido atirados longe, na encosta de uma colina. Quando voltou a si, o major viu que estava ferido demais para se mover. À distância ouviu tiros de rifle. Os vietcongs estavam-se aproximando da área onde tinham visto o helicóptero cair. Estavam chegando para capturar os americanos.

De repente, o major compreendeu que aquilo era o fim. Os inimigos não iriam carregar americanos feridos. Iriam provavelmente torturá-los até a morte.

Tentou orar mas descobriu que não sabia orar. Tinha freqüentado regularmente uma igreja, mas nunca tinha, realmente, conversado com Deus. Mas nesse momento "sentiu" alguém dizer: "Pede e confia!" Numa explosão de angústia e com uma fé nova clamou: "Ó Deus, por favor, ajuda-me!" Percebeu que pela primeira vez em sua vida havia conversado com Deus. Contudo, ainda ouvia os vietcongs se aproximando.

A milhas dali, outro helicóptero do exército voava em direção ao norte. Mais tarde o piloto narrou o que se passara: sentiu um forte impulso de mudar o curso em direção a leste. Mas, por quê? argumentava consigo mesmo. O lugar para onde se destinava ficava ao norte. Desobedecendo a todos os regulamentos militares fez uma curva de 90 graus e dirigiu-se para o leste. Sentiu, então, que devia voar mais devagar e mais baixo. Isso era ainda menos lógico que seu primeiro impulso, e totalmente contrário às regras de vôo sobre território inimigo. Deveria voar alto ou então baixo, mas depressa. O impulso interior, porém, era tão forte que desceu ao nível da copa das árvores e aí entendeu que devia procurar alguma coisa. Lá estava. De repente, viu os restos do helicóptero espalhados na selva.

Não sabia há quanto tempo estavam ali mas sentiu-se compelido a fazer uma boa verificação. A mata era densa, o que tornava impossível uma aterrissagem. Ficou sobrevoando as árvores e um homem da tripulação foi abaixado por meio de uma roldana. Quando alcançou a terra, encontrou os feridos. Um por um eles foram atados à corda e içados até o helicóptero. Quando o último deles foi socorrido, o soldado segurou-se à corda e foi

elevado. Assim que deixou o solo os vietcongs chegaram e começaram a atirar nele. O piloto, vendo o que acontecia, afastou o aparelho dali, assim que viu que o homem se encontrava acima da copa das árvores. Em questão de minutos, os feridos foram levados em segurança para o hospital.

Quando o major terminou a narrativa, agarrou minhas mãos e disse: "Capelão, eu só queria que o senhor me ajudasse a louvar a Deus por sua bondade em meu favor. Eu quero servi-lo pelo resto de minha vida."

7. REGOZIJAI-VOS!

Regressei do Vietnam em 1967 e fui enviado a Fort Benning, Geórgia. Há vinte e três anos eu saíra dali algemado, como prisioneiro. Agora regressava como capelão. Era até difícil lembrar como me sentira na época.

Fui designado para capelão de vinte e uma companhias de oficiais em preparação e mais vinte e uma de oficiais não comissionados. Que bela oportunidade de levar a Cristo os futuros líderes militares da nação!

Era um tremendo desafio. Eu estava sempre consciente de minhas falhas. Tinha muitas vezes o poder e a presença de Deus em mim e ao meu redor, mas muitas vezes estivera relutando em ser usado por ele.

Eu passava por momentos de desânimo, mas sabia que isso não estava nos planos de Deus para mim.

Busquei a solução nas Escrituras. Em João 17 encontrei a oração de Jesus por nós, seus seguidores. Ele orou assim: "para que eles tenham o meu gozo completo em si mesmos..." Era isto que eu queria: a alegria do Senhor, não somente quando as coisas estavam bem, mas sempre. Jesus orou pedindo esta bênção para mim; o que estava impedindo que eu a experimentasse continuamente?

Em Mateus 25.21 lemos: "... foste fiel no pouco, sobre o muito te colocarei: entra no gozo do teu senhor." Então era uma questão de se entrar. Eu tinha de consegui-lo — não receberia essa bênção automaticamente. Mas como entrar, Senhor?

Em Lucas 6.23, Jesus nos diz para nos regozijarmos e exultarmos. Também descreve a situação em que devemos exultar: "quando estiverdes famintos, quando os homens vos odiarem, quando vos injuriarem e rejeitarem vosso nome como indigno, regozijai e alegrai-vos naquele dia". Eu ainda não tinha notado aquilo na Bíblia.

"Como é que esperas que me regozije em tais circunstâncias, Senhor?" Isso não parecia ter sentido, mas quanto mais lia a

Bíblia, mais escrituras encontrava que diziam a mesma coisa. Será que havia um princípio espiritual por trás disso? Na segunda carta de Paulo aos Coríntios, capítulo 12, versos 9 e 10 ele diz: "De boa vontade, pois, mais me gloriarei nas fraquezas para que sobre mim repouse o poder de Cristo. Pelo que sinto prazer nas fraquezas, nas injúrias, nas necessidades, nas perseguições, nas angústias por amor de Cristo. Porque quando sou fraco então é que sou forte."

Fraqueza e injúria era exatamente o que eu não apreciava. Não gostava quando pessoas se voltavam contra mim; não gostava quando acontecia algo errado e tudo saía mal.

Vezes sem conta encontrei na Bíblia as palavras: "Alegrai-vos!" "Dai graças a Deus por tudo!" O salmista continuamente fala de alegria em meio à tribulação: "Converteste meu pranto em folguedos", diz Davi no Salmo 30. Eu estava disposto a experimentar; mas o que fazer?

Certa noite, numa reunião de oração, comecei a rir. Ri uns quinze minutos, e enquanto ria, "senti" Deus falar: "Está alegre porque Jesus morreu pelos seus pecados?"

"Sim, Senhor. Estou alegre; muito alegre."

"Você se sente bem ao pensar que ele morreu por causa de seus pecados?"

"Sim, Senhor. Sinto."

"Você fica feliz de saber que morrendo em seu lugar ele lhe deu vida eterna?"

"Sim, Senhor; fico."

"Você tem que se esforçar muito para ficar alegre pelo fato de que ele morreu por você?"

"Não, Senhor. Eu estou alegre."

Compreendi que Deus queria que eu entendesse como era fácil ficar alegre pelo fato de Cristo ter morrido por mim. Eu bateria palmas, riria e cantaria em ação de graças pelo que ele tinha feito para mim. Era a coisa mais importante de minha vida; nada poderia me dar mais alegria.

Continuei a rir, mas a voz interior silenciara. Senti que Deus estava para me ensinar algo que eu nunca ouvira antes.

Deus disse: "Você fica muito feliz de saber que cravaram pregos nas mãos do meu Filho; não fica? Fica feliz de saber que cravaram pregos em seus pés? Fica feliz porque traspassaram seu lado com uma lança e o sangue escorreu pelo seu corpo e gotejou na terra? Você fica feliz e ri de alegria porque fizeram isso ao meu Filho; não fica?"

Outra vez o silêncio. Eu não sabia o que responder.

"Você fica muito alegre porque tudo isso aconteceu ao meu Filho, não?" Afinal tive de dizer: "Sim, Senhor; fico. Não o compreendo, mas fico alegre." Por um momento pensei que talvez tivesse dado a resposta errada; talvez eu tivesse entendido mal.

Então para meu alívio ouvi-o dizer: "Sim, filho; eu quero que você fique feliz! Quero que você fique alegre."

Continuei a rir e a alegria aumentou quando compreendi que Deus queria que eu ficasse alegre. Depois tudo ficou em silêncio e entendi que estava para aprender outra lição.

"Ouça agora, meu filho. Durante o resto de sua vida, toda vez que acontecer a você qualquer mal — e que será menos terrível do que o que fizeram ao meu Filho — quero que você fique alegre, como quando lhe perguntei se estava alegre porque Cristo morreu por você."

Respondi: "Sim, Senhor. Compreendo. Vou ser grato pelo resto de minha vida. Vou louvá-lo. Vou regozijar-me. Vou cantar. Vou rir. Vou gritar, vou ficar muito alegre por qualquer coisa que permitires acontecer em minha vida."

Era fácil, naquele momento, prometer regozijar-me. Eu estava sendo muito abençoado e a alegria estava fluindo de mim como se fosse um rio.

Na manhã seguinte, eu estava sentado na beira da cama, quando ouvi a voz: "O que está fazendo?"

"Estou aqui sentado, desejando que não tivesse que levantar."

"Pensei que tivéssemos feito um acordo ontem à noite."

"Mas, Senhor, eu não sabia que te referias a coisas assim."

"Lembre-se do que eu disse: *em tudo*."

Respondi: "Senhor, tenho que ser sincero contigo. Há vinte

anos que sento na beirada da cama todas as manhãs desejando não ter de levantar. Estava pensando em como seria bom se eu pudesse ficar deitado mais cinco minutos." Mas o Espírito disse: "Deve dar graças a Deus porque está na hora de levantar."

"Senhor, isto já está um pouco além do meu entendimento."

O Senhor é sempre bom e paciente. "Está disposto a deixar-me fazer você querer?"

"Sim, Senhor, estou."

Naquela noite, quando fui me deitar, orei: "Senhor, isto é muito difícil. Tu terás que operar em mim. Eu levantarei a qualquer hora que tu mandares, mas não sei agradecer porque está na hora de me levantar."

Tudo que ouvi foi: "Está disposto?... "

"Sim, Senhor; estou."

Na manhã seguinte, a primeira coisa que me veio à mente foi o polegar do pé. Ouvi: "Veja se consegue movê-lo." Consegui.

"Está grato de poder movê-lo?"

"Sim, Senhor."

"Agora o tornozelo. Está grato?"

"Sim, Senhor."

"Agora, o joelho. Está grato?"

"Agora veja se consegue sentar-se."

"Sim, Senhor, mas tenho que ser sincero; eu ainda gostaria de poder deitar e dormir de novo."

Pacientemente ele disse: "Veja se consegue levantar-se. Está grato por isto? Veja se pode caminhar até o banheiro. Olhe-se no espelho. Está satisfeito de poder ver?"

"Sim, Senhor."

"Agora diga alguma coisa."

"Aleluia!"

"Está alegre de poder falar e ouvir?"

"Sim, Senhor."

Então veio o silêncio. Eu sabia que do silêncio, ia aprender alguma coisa.

"Meu filho, porque eu o amo vou ensinar-lhe a dar graças por tudo. Você poderá aprender a lição aí de pé, tendo todas essas coisas pelas quais você está grato, ou então posso fazer você voltar para a cama e deixá-lo sem movimentos, sem visão e sem audição até aprender."

Dei um salto e disse: "Senhor, eu compreendo. Estou grato. Serei sempre grato."

Na manhã seguinte, e na outra e na outra, a primeira coisa que eu pensava, quando acordava, era: "Senhor, estou grato." Nunca mais me senti infeliz por estar na hora de levantar.

Paulo disse: "De boa vontade, pois, mais me gloriarei nas fraquezas." Levantar de manhã tinha sido uma fraqueza para mim. Deus me ensinou a tomar aquilo e a transformá-lo em gozo, e, quando o fiz, o poder de Cristo e sua alegria transbordaram em meu coração.

Fiquei ansioso para contar a outros minha descoberta, mas o Espírito Santo disse que não; primeiro eu tinha que aprender bem, até não ter mais nenhuma dúvida, a transformar as situações difíceis em alegrias.

Decorei os versos de I Tessalonicenses 5.16-18 "Regozijai-vos sempre. Orai sem cessar. Em tudo dai graças, porque esta é a vontade de Deus em Cristo Jesus para convosco", e os repeti diversas vezes.

Certo dia eu estava-me aproximando de um sinal luminoso quando ele mudou para amarelo, mas consegui atravessar ainda em tempo. Dei um sorriso, como num agradecimento. Senti a presença de Deus. Ele disse: "Nada disso."

Ainda sorrindo, estanquei a alegria.

"Por que está feliz?"

"Senhor, consegui atravessar o sinal; obrigado, Senhor."

"O que faria se o sinal tivesse mudado antes e você tivesse que parar?"

"Provavelmente, eu teria murmurado, desejando que ele tivesse demorado um pouco mais."

"Não sabe que os sinais luminosos estão sob meu controle? Eu controlo todo o universo, inclusive o tempo. Da próxima vez que o sinal ficar vermelho, você deve sentir-se grato. Saberá que fui eu que o mudou."

Da outra vez que parei num sinal fechado, perguntei ao Senhor como queria que eu empregasse aquele tempo.

"Está vendo aquele homem andando ali na rua? Ele precisa muito de oração. Ore por ele."

Nós dizemos que cremos em Deus, mas será que realmente cremos que ele controla todos os pormenores da nossa vida, ou pensamos que ele está tratando de negócios mais importantes? Jesus disse que Deus sabe quantos fios de cabelo temos. Então por que não cremos que ele está mais interessado do que nós nos fatos insignificantes da nossa vida? Eu não sei quantos cabelos há na minha cabeça. Deus controla todas as coisas e opera tudo para o bem daqueles que o amam. (Rom. 8.28.)

Eu estava começando a confiar mais em Deus; mas, e Satanás? Ele não pode se insinuar no nosso meio e nos atacar mesmo sendo isso contrário à vontade de Deus?

Deus permitiu que Satanás entrasse em Judas e traísse seu Filho. Permitiu que Satanás tornasse Pedro tão fraco, que ele chegou a negar Jesus. Permitiu que ele entrasse no coração dos homens que planejaram, maquinaram e, finalmente, crucificaram a Jesus. A qualquer momento, Deus poderia tê-los interrompido. Poderia ter enviado dez mil anjos para destruir o plano de Satanás, mas Deus não os interrompeu. Ele sabia que depois que todo aquele sofrimento e pecado passassem sobre Jesus, o resultado seria gozo, louvor e vitória.

Satanás não pode fazer nada se primeiro não receber permissão de Deus. Lembramos como Deus permitiu que ele tentasse Jó. Deus dá essa permissão somente quando vê o tremendo potencial de gozo que resultará do fato dessa provação vir sobre nós.

Quando começamos a entender isto, Deus pode nos abençoar. O poder do Cristo ressuscitado se encontra em nós. Milagres, poder e vitória são apenas uma parte do que Deus operará em nós quando aprendermos a nos regozijar por tudo.

Certo dia entrei no carro para ir trabalhar e não consegui dar a partida. No exército não há desculpa para quem chega atrasado em serviço.

"Está bem, Senhor", disse. "Aqui estou. Tu deves estar querendo me ensinar uma lição, por isso te agradeço por este carro não querer pegar."

Momentos depois passou alguém que me ajudou a dar partida no carro.

No dia seguinte aconteceu a mesma coisa. "Obrigado, Senhor. Sei que tens uma boa razão para eu ficar aqui sentado; então vou me sentir muito alegre e começar a louvar-te." Novamente consegui dar partida.

Naquele mesmo dia levei o carro à oficina do quartel. Contei o problema ao encarregado e ele respondeu: "Sinto muito, capelão, o mecânico que trabalha com esse tipo de carro teve um ataque cardíaco e está no hospital. Eu sinto ter de dizer-lhe isso mas o senhor terá que levar o carro a uma oficina civil." Ele tinha uma expressão de pesar ao falar: "Capelão, eles sabem que o nosso mecânico está doente e vão aproveitar para arrancar-lhe o couro. Estão fazendo assim com todas as pessoas que encaminhamos a eles."

Enquanto me dirigia à oficina, uma voz tentou murmurar ao meu ouvido: "É horrível que esses civis tenham de abusar assim de nós, militares."

Eu disse àquele pensamento para voltar ao lugar de onde tinha vindo e continuei a glorificar o Senhor por ter-me permitido esse incidente, que eu sabia ser para meu proveito pessoal. Orei: "Senhor, sei que tua mão está nisso e eu te louvo e agradeço."

Entre na oficina e o encarregado aproximou-se tendo na mão um bloco de anotações.

"Às suas ordens, senhor", disse com certo brilho no olhar.

Expliquei-lhe o que havia e ele mencionou uma porção de prováveis causas do problema.

"Essa peça não poderá ser consertada aqui. Temos que enviar para outra oficina. Entretanto, pode ser que o problema não seja este, então temos que tomar outras providências. As causas do

defeito podem ser várias, mas nós procuraremos até encontrar."

"Quanto tempo vai demorar?"

Sorrindo ele respondeu: "Sinto muito, mas não sei dizer. Depende de muita coisa." Eu já estava até ouvindo a caixa registradora tilintando.

"Em quanto vai ficar?"

"Não tenho a mínima idéia."

O encarregado da nossa oficina estava certo. Esses homens iriam tirar de mim o máximo que pudessem. "Graças, Senhor. Tu deves ter um propósito em tudo isso."

Acertei de levar o carro na manhã seguinte e deixá-lo ali pelo tempo que fosse necessário para o conserto.

Com muita dificuldade consegui dar partida no carro. Engatei a marcha e comecei a rodar para a saída. Nesse momento o encarregado adiantou-se e agarrou meu braço.

"Espere um pouco. Lembrei de uma coisa que talvez seja a causa do problema. Desligue o motor." A seguir, ele levantou o capô e começou a remexer por ali com uma chave de fenda. Depois de alguns minutos, disse: "Ligue o motor agora; vamos ver como funciona."

Girei a chave e o motor entrou em funcionamento suavemente, como se fosse novo.

"Ótimo! Quanto é?"

"Ah! Nada. Tive prazer em servi-lo."

"Filho, eu queria que você soubesse que nunca deve temer que alguém possa se aproveitar de você, ou feri-lo de alguma forma se isso não for da minha vontade. Sua vida está em minhas mãos e você pode confiar em mim em todas as circunstâncias, e verá como eu resolvo todos os pequenos problemas da vida."

"Aleluia, Senhor!" Eu exultava ali naquele carro. "Graças, Senhor. Obrigado por teres me mostrado estas coisas."

Eu exultava! Compreendi, afinal, que se tivesse ficado murmurando e reclamando não teria tirado nenhum proveito do incidente. Quantas oportunidades eu perdera de deixar Deus me ensinar o quanto ele me ama. Muitos vão pela vida carregando

essas oportunidades como se fossem cargas pesadas, mas Deus já determinou que, em Cristo, todas essas coisas, ao passarem sobre nós, sejam transformadas em gozo.

É glorioso saber que neste momento Deus quer encher nosso coração de uma alegria transbordante. Não por mérito nosso, nem justiça própria, nem sacrifício de nossa parte. Tudo depende apenas de uma coisa: de nós crermos no Senhor Jesus. Crer que, se a cadeira em que me sentei se quebrou foi porque isso era da vontade dele. Se o café da manhã está muito quente ou o pão muito seco, é da vontade dele. Quando realmente começamos a crer nisso o poder de Deus começa a fluir em nossa vida. Era isso que Jesus queria ensinar quando disse: "Regozijai-vos e exultai quando vos perseguirem... se sois pobres... se tendes tristezas."

Há muitos anos eu sofria de uma terrível dor de cabeça embora raramente a mencionasse. Apenas agradecia a Deus porque não era um problema muito sério. Um dia ele disse: "Por que não experimenta louvar-me pela dor de cabeça?"

"Pela dor?"

"Sim, pela dor."

Comecei a elevar meus pensamentos a Deus em ação de graças porque Deus estava me dando aquela dor de cabeça para eu ter a oportunidade de ver aumentado o seu poder em minha vida. A dor piorou. Continuei a dar graças a Deus mas a cada pensamento de louvor a dor aumentava. Compreendi que o Espírito Santo e Satanás estavam em batalha. A dor chegou a um ponto insuportável; continuei com meus pensamentos de louvor e ação de graças e, de repente, senti-me inundado de gozo. Parecia que uma grande alegria se derramava sobre cada célula do meu corpo. Nunca tinha experimentado tal poder no gozo. Estava certo de que se desse um passo a mais seria elevado nos ares. E a dor de cabeça se fora.

Há quinze anos eu sofria, também, de um resfriado alérgico, ficando atacado quase seis meses do ano. Às vezes ficava tão mal que espirrava, tossia e levava o lenço ao nariz o dia todo. Eu já tinha tomado injeções, remédio atrás de remédio, orara, jejuara, e depois orara outra vez. Vivía pedindo aos conhecidos que orassem por mim e procurava todas as pessoas que oravam por enfermos para que orassem por mim. Nada adiantou.

Por que Deus me deixava sofrer? Será que não se importava que eu passasse tão mal?

Um amigo meu, o Capelão Curry Vaughn, me dissera que eu devia crer, juntamente com ele, que Deus me curaria. Eu evitava me encontrar com Curry porque ele ficava dizendo que eu tinha de continuar a crer. Eu vinha tentando crer há quinze anos e não sabia mais o que fazer.

Certo dia eu devia falar numa igreja metodista, ao meio dia. Quando ia entrando em Columbus, meu nariz começou a escorrer e eu comecei a espirrar de tal maneira que era difícil até dirigir. Um pensamento me veio à mente: "Louva-me!"

Passei a pensar em como Deus era bom de permitir essa enfermidade na minha carne. Ele permitia que eu a tivesse a fim de me ensinar uma lição. Não era por mero acaso que eu era alérgico a tantas coisas. Deus assim o planejara, para sua glória e para meu próprio bem. "Graças, Senhor, por tua bondade. Se tu queres que eu tenha essa doença vou apenas confiar em que tu me curarás quando quiseres."

"Que você quer que eu faça?"

"Cura-me, Senhor."

"Curar ou remover os sintomas?"

"Não é a mesma coisa?"

"Não; não é."

"Está bem, Senhor. Cura-me então e não darei nenhuma atenção aos sintomas." Com isso compreendi que Deus estava-me mostrando uma verdade nova e maravilhosa. Todas as vezes que eu orara antes e tentara crer, tinha sido derrotado porque os sintomas persistiam. Agora compreendia que os sintomas não significavam nada. Tudo que eu precisava era ter fé na promessa de Deus; então Satanás podia inventar todos os sintomas que quisesse.

Quando cheguei ao local da reunião, meu nariz ainda escorria e eu ainda espirrava incontrolavelmente.

Orei: "Senhor, se tu queres que eu seja ridículo, serei. Vou deixar o lenço no carro, e irei falar de ti."

Quando caminhava em direção à igreja comecei a sentir-me

melhor. Quando a reunião terminou, compreendi, de repente, que não mais tinha os sintomas da alergia.

Durante muitos dias os sintomas não voltaram. Então, uma noite, quando me preparava para ir a uma reunião de oração senti o nariz começar a escorrer.

Pensei: "Senhor, não posso ir àquela reunião. Aquelas irmãs vão pensar que fiz alguma coisa errada e tu retiraste a minha fé. Vão me rodear e insistir comigo para que eu exercite fé na cura. Mas, Senhor, tu me curaste e dou-te graças por esses sintomas."

Na reunião, uma das irmãs começou a me exortar dizendo que devia crer.

"Mas Deus me curou", insisti.

"Então, por que está fungando?"

"Não sei, mas Deus sabe, e eu o louvo por isso."

De volta para casa eu continuava a dar graças a Deus por ele estar dirigindo minha vida como queria. Se sua vontade era que Satanás me esbofeteasse, devia ter boa razão para isso. Ele permitira que seu próprio Filho sofresse por mim.

"Filho!"

"Senhor!"

"Você tem sido fiel. Nunca mais terá um só sintoma." Mais uma vez exultei de alegria ali no carro. Nunca mais oraria duas vezes pela mesma coisa. Deus diz: "Pedi e recebereis para que a vossa alegria seja completa." (João 16.24.)

8. LOUVAI-O!

Descobrir o poder que há no louvor foi uma das experiências mais emocionantes que eu já tive; no entanto, cada vez que queria contá-la a alguém, parecia que Deus dizia: "Espere. Ainda não chegou o momento."

Quando um soldado chamado Ron veio me ver certo dia, estava muito infeliz e desesperado. "Capelão, preciso de sua ajuda. Quando fui chamado para o exército, minha esposa tentou o suicídio. Agora recebi ordem de seguir para o Vietnam e ela disse que se eu for ela se matará. O que devo fazer?"

Ron era advogado, mas quando fora convocado, preferira se engajar como soldado raso. Agora estava completamente perturbado e incapaz de resolver o problema.

"Peça à sua esposa que venha falar comigo e verei o que posso fazer."

Sue era o próprio retrato da infelicidade. Parecia tão frágil ali sentada na ponta da cadeira, tremendo dos pés à cabeça. Lágrimas escorriam pelo seu rosto.

"Capelão", quase não conseguia ouvir sua voz, "estou com muito medo; não sei viver sem Ron."

Olhei para ela e uma onda de compaixão trouxe lágrimas aos meus olhos. Conhecia a história de sua vida. Ela tinha sido adotada por uma família quando era ainda bem pequena; depois fora separada de sua família adotiva e não tinha ninguém no mundo a não ser Ron. Eles se amavam muito, e eu sabia que se Ron fosse para o Vietnam ela ficaria morando sozinha numa cidade estranha.

Orei em silêncio pedindo a Deus sabedoria para consolá-la.

"Diga-lhe para dar graças." Balancei a cabeça, não querendo acreditar. Devo ter ouvido mal.

"Ela, Senhor?"

"Sim. Pode começar a testificar dessa bênção. Conte a ela." Olhei para seu rosto molhado e meu coração se apertou.

"Sim, Senhor; vou confiar em ti."

"Sue, estou muito satisfeito de você ter vindo aqui", disse sorrindo, aparentando uma confiança que não sentia. "Você não precisa se preocupar. Tudo vai dar certo."

Sue endireitou-se na cadeira, limpou as lágrimas e conseguiu dar um sorriso fraco.

Continuei: "Quero que você se ajoelhe aqui e dê graças a Deus porque Ron vai para o Vietnam."

Ela olhou para mim em total incredulidade. Acenei afirmativamente. "Sim, Sue; quero que você dê graças a Deus."

Imediatamente, ela caiu num choro quase histérico. Tentei acalmá-la do melhor modo que pude e comecei a ler-lhe alguns versos das Escrituras nos quais aprendera a confiar, nos últimos meses: "Em tudo dai graças porque esta é a vontade de Deus em Cristo Jesus para convosco... " "Todas as cousas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus." Pacientemente, passei a mostrar-lhe as maravilhosas verdades que eu descobrira.

Nada parecia adiantar, porém. Sue cria em Deus e em Cristo, mas, em meio a tanto desespero, aquela crença não lhe era de nenhum conforto. Quando finalmente saiu do gabinete a chorar, não tinha encontrado paz nem alegria.

"Senhor, será que entendi mal? Isso não ajudou aquela moça."

"Paciência, filho. Estou operando em seu coração."

No dia seguinte Ron veio ao meu gabinete. "Capelão, o que o senhor disse a Sue? Ela está pior que antes."

"Eu lhe disse qual é a solução para o problema, e agora vou dizer a você. Ajoelhe-se aqui e agradeça a Deus porque você vai para o Vietnam e por Sue estar tão perturbada que ameaça suicidar-se."

Ron também não entendeu. Mostrei-lhe alguns versos das Escrituras: "... esta é a vontade de Deus em Cristo Jesus para convosco."

Ele respondeu: "Agora sei por que Sue não entendeu; e eu também não entendo." E saiu.

Dois dias depois voltaram. "Senhor, estamos desesperados. Precisamos de sua ajuda."

Esperavam que eu, sendo capelão, pudesse conseguir que Ron fosse designado para outro lugar.

Novamente apresentei-lhes a única solução de Deus para o seu caso. "Todas as cousas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus."

"Se puderem crer que a mão de Deus está nisso, e que isso é para o bem de vocês, então é só confiar nele e começar a dar-lhe graças — independentemente da situação aparente."

Eles se entreolharam. "Não perdemos nada em tentar, querida", disse Ron. Ajoelhamo-nos e Sue orou: "Senhor, eu te dou graças porque Ron vai para o Vietnam. Deve ser da tua vontade. Não compreendo, mas vou tentar compreender."

Depois Ron orou: "Senhor, isto tudo é muito estranho para mim também, mas confio em ti. Dou-te graças porque vou para o Vietnam e porque Sue está tão aflita; dou-te graças até mesmo porque ela pode tentar ferir-se."

Eu desconfiava que Ron e Sue não estavam tão convencidos como eu estava, mas agradei ao Senhor por estarem tentando. Eles saíram do escritório e mais tarde fiquei sabendo o que acontecera depois. Entraram na capela e ajoelharam-se no altar. Ali puseram suas vidas nas mãos de Deus, numa entrega total, e foi então que Sue teve forças para dizer: "Senhor, eu te agradeço porque Ron vai para o Vietnam. Tu sabes como vou sentir falta dele. Tu sabes que não tenho nem pai, nem mãe, nem irmãos, nem outros parentes. Vou confiar em ti, Senhor."

Ron orou: "Senhor, eu também te dou graças. Eu entrego Sue a ti. Ela é tua, e creio que tomarás conta dela."

Depois levantaram-se. Ron atravessou a capela e foi para sua unidade e Sue voltou à sala de espera do meu gabinete. Ela queria ficar a sós, em silêncio, a fim de pôr os pensamentos em ordem. Enquanto ela se achava ali, entrou um soldado que lhe perguntou pelo capelão. Sue disse-lhe que eu estava ocupado. "Mas se quiser esperar um pouco vou lhe dizer que você está aqui", ofereceu-se.

"Eu espero", disse o soldado. Ele parecia estar tão angustiado que Sue lhe perguntou: "Qual é seu problema?"

"Minha esposa quer divorciar-se de mim." Sue balançou a cabeça: "Não vai adiantar muito falar com esse capelão", disse; mas o soldado não estava para ser desencorajado e, enquanto esperavam, tirou a carteira e começou a mostrar a Sue retratos de sua mulher e filhos. Quando olhou um dos retratos, Sue gritou: "Quem é essa?"

"Essa é minha mãe."

"Essa é *minha* mãe", disse Sue tremendo de emoção.

"Não pode ser", disse o soldado, "eu não tenho irmãs."

"É ela; sei que é."

"Por que pensa assim?"

"Quando eu era criança, encontrei um documento numa escrivania de meus pais, que revelava que eu era sua filha adotiva. No canto superior do documento havia um retrato de minha mãe verdadeira. Essa é ela. É a mesma do retrato."

E era. Investigações subseqüentes revelaram que a mãe de Sue a prometera a uma outra família mesmo antes de nascer e nunca a vira. Ela não tinha a mínima idéia de onde sua filha estava e nunca recebera nenhuma notícia a seu respeito.

Agora Sue tinha um irmão de verdade, e com ele, toda uma família. Coincidência? Há mais de duzentos milhões de pessoas nos Estados Unidos. Quais as probabilidades de que aquele soldado entrasse no meu escritório exatamente quando Sue havia feito um acordo com Deus de louvá-lo por sua solidão e pelo fato de não ter parentes?

E isso não foi tudo. Quando Ron voltou à sua divisão, encontrou-se com um ex-colega de faculdade, que agora era oficial advogado.

"Ei, colega, aonde vai?" perguntou este ao vê-lo.

"Glória a Deus! Vou para o Vietnam", respondeu Ron. Eles conversaram algum tempo e esse amigo convenceu Ron a pedir transferência para trabalhar com ele no escritório de advocacia.

Ron e Sue não tiveram de separar-se. E Sue não teve mais que se agarrar a Ron com medo de perdê-lo. Ela tinha atingido a plena confiança em Jesus Cristo e vivia a louvá-lo.

Tempos depois, um aspirante a oficial veio ao meu escritório. Ele chorou durante algum tempo. "O senhor precisa me ajudar. Minha esposa quer o divórcio. O advogado dela mandou os documentos para eu assinar. Não posso continuar o curso de oficial. Não quero continuar no exército. Por favor, ajude-me."

"Eu sei como seu problema pode ser resolvido. Vamos ajoelhar-nos e agradecer a Deus por sua esposa ter pedido o divórcio."

Como Sue e Ron, ele também não entendeu. Com muito cuidado, começamos a folhear as Escrituras. Por fim, ele concordou que poderia tentar. Ajoelhamo-nos e ele orou entregando tudo a Deus e dando-lhe graças por ter permitido que aquilo acontecesse.

Quando voltou à sua unidade estava tão perturbado que foi dispensado pelo resto do dia. Deitou-se na cama e ficou ali dizendo: "Agradeço-te, Senhor, porque minha esposa quer o divórcio. Naturalmente, não entendo isto, mas tua Palavra diz que devo dar graças por tudo, e então eu darei." O dia todo ele pensou no assunto várias vezes. Naquela noite não conseguiu dormir e continuou a louvar, a Deus. No dia seguinte participou do treinamento como se estivesse entorpecido. "Senhor, sabes que não entendo nada, mas dou-te graças assim mesmo."

À noite, quando estava no refeitório jantando, sentiu que atinava com uma coisa: "Senhor, certamente, tu *deves* saber o que é melhor para mim, muito mais do que eu. Eu *sei* que tudo isto deve ser da tua vontade. Graças, Senhor, agora eu compreendo."

Naquele momento, um colega bateu no seu ombro e lhe disse que havia um chamado telefônico para ele. Durante todo o tempo em que ele estivera ali, até então, nunca recebera um telefonema. Quando pegou o fone, percebeu que a pessoa do outro lado estava chorando.

"Querido, perdoe-me. Não quero mais o divórcio."

Uma senhora veio ao meu gabinete relutantemente. Uma amiga quase teve que arrastá-la até ali. Contou-me que tinha estado considerando o suicídio, e achava que conversar sobre o problema não iria resolvê-lo. Pouco a pouco, relatou os detalhes do caso. Seu marido tinha um filho ilegítimo com outra mulher. A criança era criada pelos pais do marido. Toda vez que ia visitar os

sogros, lá estava a criança. Para dificultar as coisas, a mãe da criança também aparecia ali, às vezes na mesma hora. Embora estivessem passando por dificuldades financeiras, o marido estava mandando dinheiro aos pais para ajudar a cuidar do seu filho. Ela não conseguia mais viver com essa tortura interior.

"Não se preocupe", disse-lhe. "Você não terá que viver assim; há uma solução para o problema."

Ela levantou os olhos bastante surpresa. "Qual é?"

"Vamos nos ajoelhar e agradecer a Deus por seu marido ter esse filho ilegítimo." Mais uma vez busquei nas Escrituras as passagens que falam sobre dar graças a Deus em todas as circunstâncias. Limpando as lágrimas, ela finalmente concordou em fazer uma tentativa. Oramos, e ela saiu dali decidida a deixar Deus resolver seus problemas.

Na manhã seguinte, telefonei-lhe para saber como estava indo.

"Maravilhosamente!" respondeu.

"Verdade?"

"É. Quando levantei de manhã estava cheia de gozo."

"O que aconteceu?"

"Quando cheguei em casa ontem, comecei a pensar o que eu poderia fazer agora que estava agradecida pelo filho do meu marido. Concluí que se estivesse realmente grata eu devia fazer alguma coisa. Sentei-me e fiz um cheque para meus sogros e disse-lhes para empregar o dinheiro em algo para a criança. Estou-me sentindo maravilhosamente bem."

No dia seguinte telefonei de novo e ela disse: "Sinto-me melhor do que ontem."

"O que fez agora?"

"Lembrei-me de uma senhora que mora aqui perto, que tem um filho retardado. Fui visitá-la e perguntei se poderia ajudá-la a cuidar da criança. Ela ficou tão espantada que não soube o que dizer. Fiquei com ela e comecei a ajudar no que podia."

"Sabe lidar com crianças retardadas?"

"Sei. Tenho o curso de trabalho com crianças excepcionais."

"Trabalhou com crianças retardadas depois que se formou?"

"Não; esta é a primeira."

"Agora compreende por que Deus permitiu que aquilo acontecesse?"

"Sim, compreendo; e estou realmente agradecida."

Daquele dia em diante ela era outra pessoa. Os que a conheciam diziam que antes ela parecia estar sempre sentindo uma grande dor. Agora dizem que ela parece ter descoberto um segredo maravilhoso e muitas pessoas estão sendo atraídas a Jesus pela sua radiante alegria.

Jesus não prometeu mudar as circunstâncias da nossa vida, mas prometeu grande paz e gozo aos que aprenderem a crer que Deus controla *todas as coisas*.

O louvor libera o poder de Deus para atuar sobre as circunstâncias. Assim Deus pode mudá-las se for esse o seu desígnio. Muitas vezes o que impede a solução do problema é nossa atitude. Deus é soberano e pode operar a despeito de nossa atitude negativa e hábitos mentais errôneos. Mas seu plano perfeito é levar cada um de nós a entrar em comunhão com ele. Assim, ele permite que as circunstâncias e alguns incidentes venham nos revelar essa atitude errada.

Eu creio que a oração de louvor é a mais alta forma de comunhão com Deus e ela sempre atrai para nós grande quantidade do poder de Deus. Louvar a Deus não é algo que fazemos por nos sentirmos felizes; ao contrário, um ato de obediência. Muitas vezes, a oração de louvor exige muita força de vontade; no entanto, quando persistimos, o poder de Deus flui para nossa vida e para o problema, talvez a princípio em gotas, mas depois em torrentes que vão sempre aumentando e que finalmente nos inundam e lavam as mágoas e cicatrizes.

A esposa de um militar veio a mim com um problema para o qual ela via apenas uma solução. Seu marido tinha adquirido o vício da bebida e nos últimos anos tinha se tornado um alcoólatra inveterado. Muitas vezes caía na sala, bêbado, e sua esposa ou um dos filhos iria encontrá-lo ali, completamente nu. Também havia sido encontrado nas mesmas condições no corredor do seu edifício de apartamentos onde também residiam várias outras famílias.

Finalmente, em desespero, ela decidiu abandoná-lo e levar os filhos consigo. Amigos persuadiram-na a falar comigo primeiro.

"Diga o que o senhor quiser, capelão, mas não me diga que devo ficar com ele", disse ela. "Não vou ficar."

"Não me interessa se a senhora vai ficar com ele ou não", respondi; "quero apenas que a senhora agradeça a Deus por seu marido ser assim."

Com muito empenho, expliquei-lhe o que a Bíblia tem a dizer sobre dar graças a Deus por tudo e disse-lhe que tentasse. Deus poderia resolver o problema da melhor maneira possível. Ela achou tudo muito ridículo, mas concordou em ajoelhar-se e eu orei para que Deus lhe desse fê bastante para crer que ele é um Deus de amor e poder, que tem o universo nas mãos.

Por fim ela disse: "Eu creio."

Duas semanas depois telefonei para ela.

"Sinto-me maravilhosamente bem", disse. "Meu marido está totalmente diferente. Ele não bebeu nem uma gota nessas duas semanas."

"Ótimo", respondi. "Gostaria de falar com ele."

"O que quer dizer?" Ela estava surpresa.

"Acho que seria bom se eu conversasse com ele e lhe falasse sobre esse poder que está operando na vida de vocês."

"Ainda não falou com ele?" Ela parecia intrigada.

"Não. Ainda não o conheço."

"Capelão, isso é um milagre", ela gritou. "No dia que fui ao seu gabinete, quando ele voltou para casa, foi a primeira vez depois de sete anos, que não foi à geladeira apanhar uma cerveja. Em vez disso, foi para a sala e começou a conversar com as crianças. Eu estava certa de que o senhor tinha conversado com ele."

Nossa oração de louvor tinha liberado o poder de Deus para operar na vida de outra pessoa. Aquela senhora chorava.

"Glória a Jesus, capelão", soluçou. Agora sei que todas as particularidades de nossa vida estão, sob o controle de Deus."

Um jovem soldado caiu doente com um grave problema cardíaco e foi levado ao hospital de Fort Benning. Mais tarde deixou o hospital mas tinha que voltar ali para fazer exames periódicos. Algum tempo depois foi-lhe comunicado que precisava ir a um outro hospital para se submeter a uma operação. Ficou desesperado ao ouvir isto e começou a beber. Seu desespero foi aumentando e, finalmente, ele resolveu fugir. Roubou algumas roupas de outro soldado e fugiu no carro de um sargento.

Acabou dando uma batida e estragando o carro.

O infeliz soldado foi detido e levado à prisão para aguardar julgamento. Ali, outro soldado pregou-lhe a salvação em Cristo e ele aceitou. Fui visitá-lo. Ele ainda estava deprimido e com medo de que tivesse arruinado sua vida de tal maneira, que não poderia ser útil para mais nada.

"Seus pecados foram perdoados e esquecidos", disse-lhe. "Não pense que seu passado é uma corrente que está presa ao seu pescoço. Agradeça a Deus por todas as circunstâncias da vida e creia que ele permitiu que essas coisas acontecessem para trazê-lo ao ponto em que você se encontra agora."

Juntos, percorremos as Escrituras para ver como as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus.

"Isso não se refere apenas ao que aconteceu depois que você entregou a vida a Deus", disse-lhe. "Deus pode usar até mesmo nossos erros passados e nossas falhas, quando nós os entregamos a ele com ação de graças."

Ele compreendeu e começou a louvar a Deus fervorosamente por tudo que havia acontecido. Com a aproximação do julgamento, seu advogado disse-lhe que o mínimo que poderia esperar era cinco anos de detenção, e a expulsão do exército. O soldado não se deixou abater e disse que o que quer que acontecesse, Deus já tinha o pleno controle de sua vida e iria fazer tudo resultar para seu bem.

A corte marcial terminou em surpresa. A corte nunca é realizada sem que as autoridades militares creiam firmemente que o crime requer punição severa. Este soldado foi sentenciado a seis meses na cadeia local, e não foi expulso do Exército.

Eu e o Capelão Curry Vaughn fomos visitá-lo. Pensáramos em

ir confortá-lo, mas foi ele quem nos confortou. Estava cheio de um gozo contagiante. Daí a pouco, nossas risadas ressoavam naquela prisão. O soldado não conseguia ficar quieto: ria, cantava e saltava pela sala.

Antes de sair, perguntamos como estava indo de saúde. Estava para ser operado e, fisicamente falando, ainda precisava de cuidados médicos. Confessou que estava fraco e que seu coração ainda o incomodava, mas disse: "É maravilhoso! Deus está cuidando de mim."

Perguntamos se gostaria que orássemos por ele, ao que respondeu: "Sim, orem. Creio que Deus vai me curar."

Impusemos as mãos sobre ele e pela fé aceitamos que Deus, em Cristo, estava ali para curá-lo. O soldado sorriu e disse: "Eu creio que ele operou." Algumas semanas mais tarde conversei com o comandante daquela companhia.

"Acho que é desperdiçar dinheiro do governo conservar este homem na prisão", disse-lhe.

"Por que, capelão?"

"Ele não é mais o mesmo homem que roubou as roupas e o carro que estragou. Está completamente mudado."

O comandante concordou e conseguiu que fosse solto. Uma semana depois perguntei-lhe como estava.

"Capelão, antes eu ficava cansado de caminhar cem metros. Agora posso até correr, e parece que nunca me canso. Deus me curou."

A todo lugar que ia, eu contava o que havia descoberto a respeito do poder do louvor. Eu estava começando a ver que o louvor não é apenas uma forma de culto ou de oração, mas, também, um modo de travar as batalhas espirituais. Muitas vezes, quando uma pessoa começava a louvar a Deus por seus problemas, acontecia que Satanás aumentava os ataques e a situação parecia piorar, em vez de melhorar. Muitos que experimentaram a arma do louvor ficaram desanimados e não puderam continuar firmes na certeza de que Deus estava no comando da situação.

Outros, simplesmente, não compreenderam e se recusaram a

louvar a Deus pelos acontecimentos desagradáveis. "Isso não tem sentido", diziam. "Não vou louvar a Deus por uma coisa com a qual ele não tem nada a ver. Deus não tem nada a ver com um braço quebrado, ou com um carro estragado, ou com o mau gênio do marido. Seria tolice louvá-lo por causa disso."

Certamente que não tem sentido. A questão, porém, é: dá certo?

Não tinha sentido Cristo dizer aos discípulos que exultassem quando estivessem famintos, ou pobres ou perseguidos. No entanto, ele disse, claramente, para fazermos exatamente isso. Em Neemias 8.10 lemos: "A alegria do Senhor é a vossa força."

As setas do inimigo não irão penetrar o escudo da alegria de uma pessoa que louva o Senhor. Em II Crônicas 20 vemos como todo um exército foi derrotado pelos israelitas, quando eles louvaram ao Senhor crendo na sua palavra de que a batalha era dele (do Senhor) e não deles.

Essa mensagem é clara para nós também hoje. A batalha não é nossa, é de Deus! Enquanto nós o louvamos, ele desbarata o inimigo.

Eu sempre ficava desanimado e triste ao ver pessoas que se recusavam a louvar o Senhor. Tinha pena delas ao vê-las em meio a situações desesperadoras, em meio a sofrimentos e infelicidade. Pedi a Deus sabedoria para compreender por que eles não podiam aceitar o método do louvor, e pedi-lhe que me ensinasse melhores modos de levar outros a louvá-lo.

Sete meses depois que tive a primeira experiência de rir no Espírito, fui a um retiro do grupo "Camp Farthest Out". Desejava passar alguns dias de descanso e regozijo na companhia dos irmãos ali.

Eu me sentara bem atrás, por ocasião de um culto de cura, e tinha os olhos fechados, quando, na tela da minha visão interior, Deus colocou um quadro. Vi um belo dia de verão. Era um dia claro e límpido, tudo estava lindo. Na parte superior do quadro havia uma nuvem negra e opaca e nada se podia ver acima dela. Havia uma escada que se elevava do chão até à nuvem. Na base da escada havia centenas de pessoas que desejavam subir por ela. Tinham ouvido dizer que, acima do negrume daquela nuvem, tudo era ainda mais belo que qualquer outro quadro que o olho humano

já contemplou, uma visão que dava uma alegria muito grande àqueles que chegavam lá. Todas as pessoas que tentavam subir chegavam rapidamente à base da nuvem. A multidão estava observando para ver o que acontecia. Pouco depois a pessoa descia escada abaixo desesperadamente, caindo entre a multidão e fazendo com que muitos se espalhassem em várias direções. Contavam que logo que entravam na escuridão perdiam o senso de direção.

Chegou minha vez, e subi escada acima. Quando entrei na escuridão ela aumentou tanto que senti um enorme poder quase me forçando a desistir e a descer. Continuei a subir, porém, degrau por degrau, até que, subitamente, meus olhos contemplaram o brilho mais intenso que já vira. Era de uma alvura brilhante, gloriosa demais para ser descrita em palavras. Assim que acabei de atravessar a nuvem e fiquei por cima, vi que era possível caminhar sobre ela. Enquanto eu olhasse para aquela claridade, caminhava sem dificuldade, mas se olhasse para baixo, para examinar a nuvem, começava a afundar. Só fixando os olhos na claridade é que conseguia manter-me na superfície.

Depois a cena mudou. Via o quadro todo de certa distância; distinguia os três níveis.

"O que significa isto?" perguntei; e a resposta veio.

"O dia ensolarado abaixo da nuvem é a luz em que muitos crentes vivem e aceitam como sendo a vida cristã normal. A escada é o louvor. Muitos tentam subi-la para aprender a louvar-me em todas as situações da vida. No começo sentem-se animados, mas quando chegam a situações que não compreendem, ficam confusos e não conseguem seguir em frente. Perdem a fê e escorregam de volta ao lugar primitivo. Na queda, ferem outras pessoas que procuram o caminho da vida de alegria e louvor contínuos.

"Os que conseguem romper através dessas dificuldades chegam a um novo mundo e vêem que a vida que antes criam ser a vida cristã normal nem se compara à vida que está preparada para aqueles que me louvam e crêem que estou cuidando deles. O que chega à luz do reino dos céus pode caminhar por cima das dificuldades, não importando o quanto elas pareçam escuras. Continua por cima enquanto conserva o olhar afastado dos problemas e fixo na vitória de Cristo. Não importa o quanto lhe pareça difícil confiar em Deus para resolver todos os problemas; continue

a segurar-se na escada do louvor, e continue a subir."

Fiquei meio atordoado com a visão e sua explicação, e comecei a me indagar quando o Senhor deixaria que eu a contasse a outros.

Ali no retiro fiquei conhecendo uma senhora que enfrentava problemas sérios em casa. Lutava com doenças e outras dificuldades na família; ela achou muito difícil crer que louvar a Deus ia lhe trazer algum bem.

Silenciosamente, pedi orientação a Deus e ele disse: "Conte-lhe." Então contei: "Você será a primeira a ouvir isso", disse-lhe. Enquanto ela ouvia a narração, percebi que o peso que carregava a deixou e seu rosto como que brilhou de esperança.

Encontrei essa mesma visão, descrita por Paulo, em palavras ligeiramente diferentes, em Efésios 1 e 2:

"Bendito (louvado!) o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que nos tem abençoado com toda sorte de bênção espiritual nas regiões celestiais em Cristo, assim como nos escolheu ele antes da fundação do mundo para sermos santos e irrepreensíveis perante ele... para louvor da glória de sua graça... segundo o seu beneplácito... de fazer convergir nele, na dispensação da plenitude dos tempos, todas as cousas... a fim de sermos para louvor de sua glória, nós os que de antemão esperamos em Cristo... para saberdes... qual a suprema grandeza para com os que cremos, segundo a eficácia da força do seu poder o qual exerceu ele em Cristo, ressuscitando-o dentre os mortos e fazendo-o sentar à sua direita nos lugares celestiais, acima de todo principado, potestade e poder e domínio... e juntamente com ele nos ressuscitou e nos fez assentar nos lugares celestiais em Cristo Jesus."

Jesus Cristo está acima de todos os poderes das trevas e, de acordo com a Palavra de Deus, nossa herança está ali, acima da escuridão, junto com Cristo. A escada de acesso é o louvor.

A cada dia eu me tornava mais consciente do poder do louvor, mas ao mesmo tempo estava travando conhecimento com algumas ciladas do inimigo.

Na época em que comecei a buscar na Bíblia mais revelações sobre o louvor, fui levado a ver Escrituras que descreviam o poder que temos recebido em Cristo para vencer os poderes das trevas. Há muito que eu meditava na passagem de Marcos 16, onde Jesus fala dos sinais que seguirão aqueles que crêem nele: "... em meu nome expelirão demônios; falarão novas línguas; pegarão em serpentes; e se alguma coisa mortífera beberem não lhes fará mal; se impuserem as mãos sobre enfermos, eles ficarão curados."

Eu tinha pedido a Deus, em oração, que me mostrasse se isso era válido para nós hoje, no século vinte, e se fosse, como e quando fazer uso dessa promessa.

Notei que sentia um mal-estar quando estava perto de certas pessoas. Orei a respeito e recebi uma forte impressão de que o que havia de errado com elas era de natureza demoníaca. Pedi a Deus que se eu tivesse de me ver face a face com alguém assim, durante uma reunião de oração, que ele me orientasse no que fazer.

Um certo soldado abandonou a esposa deixando-a com três filhos para cuidar. Desesperada, a mulher tentou matar-se. Levada às pressas para o hospital, sua vida foi salva. Alguns amigos a trouxeram a mim. Tinha o desespero estampado no rosto. Os amigos disseram-me que há anos não a viam sorrir. Comecei a conversar com ela sobre o poder do louvor, mas depois de alguns minutos senti que devia parar. Olhei bem nos seus olhos e senti que alguma coisa estava errada com ela, que ali havia uma influência maligna. Senti medo; compreendi que estava frente a frente com o inimigo.

"Senhor", orei em silêncio, "já cheguei até aqui, e não posso voltar agora. Vou avançar pela fé, confiando que tu operarás." Olhando bem nos olhos da mulher, falei em voz alta ordenando ao espírito do mal que saísse dela em nome do Senhor Jesus Cristo, e pelo poder do seu sangue. Seus olhos vidrados de repente se desanuviaram, e ela pôde então ouvir as explicações de como Deus opera para o bem, se apenas confiarmos nele e nos empenharmos em louvá-lo. Agora ela estava livre para compreender e sorriu com uma beleza radiante. Jesus Cristo tinha quebrado as cadeias de escuridão que ameaçavam sua vida.

O Capelão Curry Vaughn Jr. passou também a experimentar o poder do louvor em sua vida. Pouco depois que começara a louvar a Deus pelas dificuldades, chegou em casa certa tarde, e

ficou sabendo que sua filhinha de dois anos tinha ingerido solvente e tinha sido levada para o hospital.

Curry saltou no carro e partiu depressa para lá. Sua mente era um redemoinho de medo e preocupação. De repente, viu o erro que estava cometendo; diminuiu a marcha do carro e agradeceu o Senhor pelo que tinha acontecido.

No hospital, já tinham dado lavagem estomacal na criança e tirado uma chapa de raio X. Curry foi informado de que duas coisas poderiam acontecer. Primeiro, ela teria febre alta, e depois havia noventa e cinco por cento de probabilidade de que ela teria pneumonia.

Curry e sua esposa, Nancy, levaram a menina para casa, preparados para ficar a observá-la como os médicos haviam orientado. Em casa, Curry tomou a menina nos braços e orou: "Pai celestial, sei que Satanás tentou atacar-me mais uma vez e eu te louvei! Agora, em nome de Jesus, Virgínia não terá febre e nem pneumonia."

No dia seguinte, Virgínia acordou tão bem disposta e vivaz como sempre. Não sofreu nenhum dos efeitos previstos.

Um certo homem veio me procurar para falar de sua filha mocinha. Eu conhecia a família e sabia que sua filha tinha recebido dos pais bastante amor e carinho; no entanto, tinha brotado nela um ódio violento contra a irmã mais moça. Estava sempre pronta a agredir a outra ou a atirar-lhe o primeiro objeto pesado que encontrasse à mão.

Os pais, grandemente perturbados, tinham-na levado ao psiquiatra, davam-lhe tranqüilizantes e oravam há anos para que Deus os ajudasse a encontrar a solução desse terrível problema. Os acessos de violência aumentaram e eles perceberam que a situação era bem grave.

Falei com eles e desafiei-os a experimentar a única solução que ainda não tinham experimentado.

"O que é?" perguntaram.

"Dar graças a Deus por ele lhes ter dado esta filha para por ela suprir sua necessidade. Louvem-no porque ele sabe exatamente qual é a maior bênção para sua família."

A princípio, pensaram que isso estava totalmente além de suas forças. Estavam tentando resolver o problema há tanto tempo que não viam como de um momento para outro podiam ficar alegres porque as coisas eram do jeito que eram. Lemos as Escrituras, e depois oramos pedindo a Deus que operasse um milagre e os ajudasse a louvá-lo.

O milagre aconteceu. Eles começaram a sentir-se gratos. Fizeram isto durante duas semanas. Em lugar de preocupação e medo sentiram grande paz e gozo.

Uma noite estavam na sala. A filha mais velha estava de pé no meio da sala segurando uma planta. Olhou para eles e quando percebeu que a observavam sorriu e deixou cair o vaso sobre o tapete. Terra, vidro e flor se espalharam pelo chão. A moça ficou parada, sorrindo, esperando a reação deles. Os pais, que já tinham se entregado completamente à prática do louvor, disseram ao mesmo tempo: "Obrigado, Senhor."

A filha olhou-os espantada. Depois levantou a cabeça e, olhando para o céu, disse: "Obrigada, Senhor por teres me ensinado esta lição." Daquele momento em diante ela começou a melhorar.

Os pais me procuraram jubilosos. O poder do louvor tinha operado. Durante anos, Satanás tinha conservado aquela família algemada por causa daquela moça. Agora a cadeia fora rompida.

Em Tiago lemos que temos que nos sujeitar a Deus e resistir a Satanás. Em Romanos 12.21, Paulo escreve: "Não te deixes vencer do mal, mas vence o mal com o bem."

Algumas pessoas me perguntam se este princípio de louvor não é apenas um outro modo de se utilizar o poder do pensamento positivo. Absolutamente. Louvar a Deus em todas as circunstâncias não significa que fechamos os olhos às dificuldades. Na carta aos Filipenses, Paulo diz para não nos preocuparmos com nada: "em tudo, porém, sejam conhecidas diante de Deus as vossas petições, pela oração e pela súplica, com *ações de graça*. E a paz de Deus que excede todo entendimento, guardará os vossos corações e as vossas mentes em Cristo Jesus."

Olhar só para o lado bom da situação é, às vezes, um modo perigoso de escapar à realidade da vida. Quando louvamos a Deus por uma situação, nós o louvamos *por* ela e não a despeito dela.

Não estamos tentando evitar os problemas; ao contrário, Jesus Cristo está-nos mostrando um modo de superá-los.

Essa escada do louvor existe, e eu creio que todos, sem exceção, podem louvar a Deus neste momento, qualquer que seja a situação em que se encontrem.

Para que nosso louvor alcance a perfeição que Deus quer para nós, ele precisa estar completamente divorciado da idéia de galardão. O louvor não é um método de se negociar com o Senhor. Não podemos dizer a Deus: "Nós te louvamos em meio a esses problemas; agora, Senhor, soluciona-os."

Louvar a Deus de coração puro significa deixar Deus purificar nosso coração de qualquer motivo indigno ou propósito escuso. Temos que passar pela experiência da morte do eu para que possamos viver novamente: em Cristo, em novidade de mente e de espírito.

Morrer para o eu é um processo progressivo, e eu cheguei à conclusão que esse caminho é percorrido somente através do louvor. Deus nos chama ao louvor, e a mais alta forma de louvor é a que Paulo, em Hebreus 13.15, nos exorta a utilizar: "Por meio de Jesus, pois, ofereçamos a Deus, sempre, sacrificio de louvor, que é o fruto de lábios que confessam o seu nome."

O sacrificio de louvor é oferecido quando tudo ao nosso redor são trevas. Parte do coração triste para Deus, porque ele é Deus, Pai e Senhor.

Creio que ninguém pode louvar a Deus deste modo, se não tiver experimentado o batismo com o Espírito Santo. Assim que começamos a louvá-lo, qualquer que seja o degrau da escada em que nos encontramos, seu Santo Espírito começa a encher-nos mais e mais.

Louvá-lo continuamente implica numa constante redução do ego e num aumento da presença de Cristo, dentro de nós, até que, como Pedro, nos regozijemos com "alegria indizível e cheia de glória".

"Saiu uma voz do trono, exclamando: Dai louvores ao nosso Deus, todos os seus servos, os que o temeis, os pequenos e os grandes. Então ouvi uma voz de

numerosa multidão, como de muitas águas, e como de fortes trovões, dizendo: Aleluia! pois reina o Senhor nosso Deus, o Todo-poderoso." (Apocalipse 19.5,5.)